

HORA H

TED BELL

Tradução de Susana Valdez

COLEÇÃO
TEEN
Uma aventura por mês

PARA A MINHA FILHA BYRDIE
E PARA O MIKE, PENDLETON E SALLY
SEM ESQUECER O BENJI E O ALEX,
E TODAS AS OUTRAS CRIANÇAS DO BAIRRO

AGRADECIMENTOS



Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mulher Page Lee Hufty que sempre acreditou neste livro e que nunca o deixou desvanecer. O seu amor e apoio incansável são e foram indispensáveis.

Também, o meu agradecimento eterno a Matthew Shear e a Charles Spicer da St. Martin's Press por acreditarem na minha história.

E o meu agradecimento a Russ Kramer, cujas ilustrações adornam estas páginas, aumentando incomensuravelmente a aventura do leitor.

Por fim, à minha filha Byrdie que me inspirou a escrever este livro — o meu primeiro.

*Um herói não é mais corajoso do que um homem comum,
mas a sua coragem dura mais cinco minutos.*
RALPH WALDO EMERSON



Um bom navio nunca é testado em águas calmas.
RICHARD TRENCH

I
Capítulo

A GARGANTA DA PEDRA TUMULAR



• 3 DE JUNHO DE 1939 •

AO LARGO DA ILHA BARBA CINZENTA

Tudo para sotavento, meus rapazes, — gritou Nick McIver por cima do vento, — ou somos estilhaçados na garganta da Pedra Tumular!

Jip, o cão, ladrou em concordância.

Naquela tarde, Nick, ao leme da sua corveta, *Calca-Mares*, estava quase no final do seu primeiro dia completo de viagem em redor da Ilha Barba Cinzenta. Nick era implacável com o vento, fazendo uns bons sete nós ao mudar de rumo em direção a casa. Mesmo agora, aproximava-se dos recifes traiçoeiros guardiões da entrada do Porto Farol. Jip, na proa, uivava para o forte vento de proa, desfrutando das pancadas de salpicos de água do mar tanto quanto o seu capitão.

Mas agora Nick observava com inquietação o céu ocidental e a rápida subida do mar. Talvez devesse ter entrado na enorme Pedra Tumular para se abrigar deste vento. Provavelmente já devia saber que não devia velejar pelo caminho mais comprido para casa com este tempo. Devia ter feito isto, devia ter feito aquilo, silenciosamente insultando-se. Ele *já* devia saber.

Mas o Jip e ele estavam a divertir-se tanto saltando pelas ondas, tinha simplesmente ignorado os sinais da tempestade. O pequeno

aperto no estômago estava a aumentar. Ele detestava aquela sensação. Nem se atrevia a dar-lhe um nome em voz alta.

O medo.

A gloriosa e vazia tigela de azul que fora o céu da manhã agora estava repleta de pilhas de nuvens cúmulos em ebulição, todas em cinzentos e pretos cada vez mais escuras. Vagas de torres de nuvens lilases surgiam de entre o nevoeiro no horizonte ocidental, rapidamente alternando as cores de uma feia ferida. Na última hora, as nuvens de espuma navegaram de vento em poupa pela sua proa e pela enxárcia do *Calca-Mares*. Por cima do uivo dos elementos, ouvia-se o agudo assobio na enxárcia da corveta. Os salpicos de sal picavam os olhos de Nick. Mas conseguia na mesma ver o céu no alto, a ferver e preto.

Nick debruçou-se com força sobre a cana do leme do *Calca-Mares*, colocando o peso do seu corpo esguio contra esta, lutando para manter a proa a barlavento da Pedra Tumular. Tinha ambas as mãos na cana do leme, que passaram a húmidas e frias. Olhando com temor para o rochedo gigante que agora surgia à sua frente entre o nevoeiro, primeiro limpou uma mão, depois outra, nas suas calças encharcadas. A Pedra Tumular. Um pensamento terrível estremeceu desagradavelmente na mente de Nick. Aquela famosa torre de pedra iria hoje marcar mais uma sepultura em mar? A sua própria e a do seu amado Jip? Insultou-se pela sua estupidez e inclinou-se sobre a cana do leme com toda a força. Desesperadamente. A proa recusou-se a responder ao leme para enfrentar o vento.

Contudo, conseguiria ele manter a sua pequena corveta a barlavento do rochedo maciço, que se erguia do nevoeiro, cada vez maior perante os seus olhos? E para sotavento estavam os Sete Diabos. Num dia calmo, Nick poderia optar por passar entre estes recifes traiçoeiros. Mas agora, com um sopro, eram mortais.

As opções esgotaram-se.

— E ainda te chamas um marinheiro, Nick McIver! — gritou. Mas nem o seu cão ouvira o seu grito amargo de frustração por cima do rugir do vento e da água. Já devia saber que isto aconteceria. No mar, o descuido paga-se muito caro. Especialmente quando se está perto da Pedra Tumular.

O que agora se erguia à sua frente era um bastante alto monumento de granito preto brilhante. Trespessando pelo mar como uma furiosa lápide, reclamara as vidas de capitães e marinheiros bastante mais experientes do que Nick e Jip. Tal como Nick sabia desde cedo, inúmeros navios e homens tinham ido ao fundo graças à Pedra Tumular. Ou devido aos sete mortais espinhos de rocha espalhando-se como tentáculos em todas as direções da base. Chamavam aos recifes Sete Diabos e justificadamente. Aqui estava um dos litorais mais infernais de sempre.

Esta costa perigosa guiara finalmente até ao edifício da casa de Nick. Mesmo agora, o grande Farol Barba Cinzenta emitia facadas amarelas raiando ao alto pelo céu escurecido. Esta torre cintilante no cume dos rochedos pela amura de bombordo tinha um significado especial para Nick McIver. Era simultaneamente um aviso para se manter longe e um chamamento para voltar a casa.

Visto que Nick vivia no cimo do farol, era o filho do faroleiro. E agora parecia que o famoso rochedo em baixo poderia reclamar o rapaz, se não se lembrasse de uma solução e rápido. SE NÃO FOR A PEDRA TUMULAR A APANHÁ-LO, SÃO OS SETE DIABOS! podia-se ler na inscrição cravada na cornija da lareira da Estalagem Barba Cinzenta.

E o há muito morto lobo-do-mar britânico que a cravara sabia muito bem do que falava. Naquele preciso momento, Nick desejava que ele próprio tivesse cravado aquelas palavras antigas de aviso no seu convés arfado.

— Não nos vamos safar, rapaz! — gritou um Nick angustiado. — Não o consigo manter apontado alto o suficiente!

De facto, não conseguia navegar, nem controlar a proa do seu pequeno barco para barlavento da cada vez maior Pedra Tumular. Por cada pé que o *Calca-Mares* conquistava, perdia dois pés para o lado. A adrenalina invadia as veias de Nick à medida que se apercebia da probabilidade de desastre total do que ia fazer.

Uma oração sussurrada ao seu há muito morto herói escapou dos seus lábios.

Nelson, o Forte. Nelson, o Bravo. Nelson, o Senhor do Mar.

Nick encarava uma decisão terrível. A manobra mais brutal que qualquer marinheiro pode fazer com um vento tão medonho é cambiar. Cambiar é virar o barco de costas para o vento, em vez de ir na sua direção, de maneira a que a sua força brutal passe diretamente por detrás da vela grande. A enorme vela grande e o portaló pesado iriam, de seguida, chicotear a carlinga com tal violência que podia facilmente arrancar o mastro do barco. Mas que outra opção teria? A terrível decisão já estava tomada.

— Cambiar! — gritou para a sua tripulação felpuda. Puxou bruscamente a cana do leme para trás em vez de puxar para a frente. A proa balançou instantaneamente para longe do vento.

— Cuidado com as cabeças — berrou Nick. O sólido portaló de madeira e a grande vela, estalando violentamente, bramiram pela pequena e aberta carlinga como as fúrias do inferno.

— Para baixo, rapaz! — gritou Nick e esquivou-se para baixo do portaló pesado e de madeira no último segundo, escapando-se por pouco a um golpe na cabeça que o derrubaria inconsciente borda fora. As cordas, as velas, o massame, todas as tábuas do barco bramiam, no ponto de rutura. Fora construída com madeira resistente, mas conseguia sentir o *Calca-Mares* a esticar desesperadamente pelas costuras. Se uma das tábuas saltasse nesse momento, tão perto da rochosa costa a sotavento, estavam, de certeza, mortos!

Mas aguentou-se. Olhando para cima, viu o mastro e o massame quase intactos. Ao cambiar o barco, ganhou tempo precioso para pensar.

Nick contemplou as suas opções febrilmente, agora rapidamente reduzidas a zero. Tinha de haver uma solução para isto! Nicholas McIver não era um rapaz destinado a morrer uma morte tão estúpida e imprópria de marinheiro. Não se ele o pudesse impedir. Tinha um medo saudável da morte, muito bem, mas agora que olhava para ela na cara, tinha muito mais medo de os desapontar. A mãe. O pai. Katie, a irmã mais nova. Artilheiro, o melhor amigo.

Não era esse um destino *pior* do que a morte, ponderava? Um rapaz escorregar para baixo das ondas frias sem ter a oportunidade de

provar aos que ama que era um rapaz corajoso, um rapaz destinado a coisas grandes neste mundo? Um rapaz que um dia podia ser um herói?

O vento já frio crescera em algo verdadeiramente aterrador. O *Calca-Mares* esgotara rapidamente o espaço no mar. O céu amarelado-esverdeado e pálido lançou o seu brilho doentio pela espuma do mar. Nick ouviu um rugido agourento crescente a bombordo. No preciso momento em que olhava para cima, uma onda, tal qual um ataque de locomotiva, bateu contra barlavento do pequeno barco, fazendo cambalear a minúscula embarcação, virando-a instantânea e violentamente de lado. Nick foi enterrado debaixo de uma enxurrada de água fria do mar. Agarrou-se desesperadamente à cana do leme para evitar que fosse puxado para borda fora. Pensava apenas em Jip, a montar guarda na proa. Logo que o peso da pesada quilha de chumbo rapidamente endireitou o barco mais uma vez, Nick, deitando perdigotos, puxou-se para a frente, esfregando a ardente água do mar dos olhos. O cão ainda lá estava. Só Deus sabia como é que a criatura conseguira. De facto, Jip ladrava alto, de certeza com raiva da onda que quase os matara.

— Todo aquele chumbo que pendurámos no casco serve para alguma coisa, não é, Jip? Segura-te, rapaz! — gritou Nick. — Hei de lembrar-me de qualquer coisa! — Mas o quê, respondia a sua mente, o que *poderia* ele fazer? Sabia que a próxima onda que levasse no flanco do navio seria a última. Lutou com a cana do leme, determinado a conseguir que as ondas crescentes batessem na popa do *Calca-Mares*. Era a sua única hipótese.

Nesse preciso momento, o *Calca-Mares* foi elevado bem por cima do profundo cavado pela mão de uma outra enorme onda. Por um breve momento, Nick podia ver a maior parte da ponta setentrional da sua ilha. E naquele segundo soube o que tinha de fazer. Não havia forma de escapar para barlavento da Pedra Tumular. Já que o *Calca-Mares* não conseguiria encarar a tempestade de frente, já não tinha outra hipótese. Tinha de se desviar para sotavento da rocha, navegando à velocidade da luz à frente do vento, diretamente para a garganta em espera dos Sete Diabos! Nada mais, nada menos, pensou, mais veementemente determinado do que nunca.

Da crista da onda, Nick vira um pequeno rasgo de branco na costa rochosa mesmo em frente. Podia apenas identificar uma angra arenosa, uma das muitas ao longo desta costa onde brincara com a Kate em dias soalheiros.

Se pudesse de alguma forma cronometrar precisamente as ondas, de maneira a que a quilha do *Calca-Mares* apenas roçasse os cumes mortais dos Diabos, até podia ter a oportunidade de encalhar o barco na costa arenosa daquela pequena angra. Sim, até podia.

Agora que tinha um plano, o ânimo do rapaz subia em flecha. Não era um plano muito bom, mas era a única hipótese que tinha. Se falhasse, ele...

— Reduzir o pano, rapazes! — gritou Nick para a sua tripulação imaginária, cerrando a escota húmida e salgada nos dentes enquanto soltava a principal adriça com a mão livre. Numa rajada assim, reduzir a área do pano rizando o mastro principal não diminuiria a velocidade do barco em muito, mas podia ser o suficiente para controlar a sincronização das ondas por cima dos recifes. Não havia dúvidas de que Nick precisava de toda a arte de marinheiro e sorte que conseguisse reunir para levar o capitão e a tripulação em segurança para terra.

Jip, como se reconhecesse a seriedade desesperada da situação, voltou para a proa e montou guarda ao lado do seu dono. Nick ficou feliz pela companhia.

— Agora firme, firme — gritou Nick, apertando os joelhos contra o banco de remador, enrolando a escota em volta do seu pulso para a prender. A força do vento no pano reduzido fazia com que parecesse que o braço de Nick ia ser arrancado pela rótula.

— Firme o leme, rapazes!

O vento e a água sacudiam a corveta como se se tratasse de um barco a remos, dessincronizando-se perigosamente. Ao entrar na procissão de grandes e violentas ondas, Nick sentiu a sua corveta a ser lançada para a frente.

— Atenção, Jip! Estamos prestes a passar por um caminho um pouco atribulado! — gritou. Jip rosnou e manteve-se firme.

O truque, e era bom, era manter o *Calca-Mares* longe da série de enormes ondas que se precipitavam para a costa traiçoeira. Espe-

rar pelo momento certo. “Certo” implicava o erguer do *Calca-Mares* no preciso momento em que a sua quilha passava por cada um dos Diabos salientes. Era preciso sorte, sem dúvida, muita sorte; sorte e bastante perícia.

— Calma... calma... e... AGORA! — gritou Nick, guinando a cana do leme para estibordo para virar o barco ao contrário. Se ainda havia vestígios de medo na sua voz, não se percebia, devido ao vento ou aos salpicos ou à pura adrenalina do momento à medida que navegava o pequeno barco pela superfície íngreme e larga da onda em direção ao cavado profundo em baixo. O momento da verdade do *Calca-Mares* finalmente chegara.

— Precisamos de subir agora, rapaz — disse Nick, agarrando-se à cana do leme desesperadamente. O Pedra Tumular ameaçava perigosamente perto, à esquerda, enquanto o *Calca-Mares* mergulhava cada vez mais fundo no cavado.

— Precisamos. De. Vir. Para. CIMA. — Nick susteve a respiração. Vira o feio espinho do primeiro recife do cimo da onda e soube que a quilha do *Calca-Mares* conseguia ficar a salvo apenas se tivesse cronometrado a descida para o cavado ao milímetro. Cerrou o maxilar, inconsciente do quão dolorosamente apertado estava. Jip também estava rígido, olhando para a parede de água à frente deles, pressentindo o momento.

De repente, a proa do *Calca-Mares* ergueu-se. Elevava-se alto pelas ondas imponentes e Nick aguardava o som de despedaçamento da sua quilha na mortal rocha pontiaguda. Naquele momento, ocorreu-lhe que provavelmente seria um dos últimos sons que iria ouvir.

Não chegou.

Na crista da onda, Nick conseguia ver que cronometrara na perfeição. As ondas agora elevavam-no por cima dos dois recifes aguçados que permaneciam entre o *Calca-Mares* e a segurança da arenosa angra. Jip lutou para avançar mais uma vez para o seu lugar na proa. Ladrou alto em triunfo, provocando as forças da natureza a lutar mais uma vez contra o poderoso *Calca-Mares* e a sua tripulação valente.

— Hurra! — gritou Nick com alívio e regozijo. — Conseguimos! Conseguimos, não foi, rapaz?

Na segurança do verde-escuro de garrafa da angra, era simplesmente uma questão de navegar o *Calca-Mares* até à costa, até a quilha encalhar na areia macia. Isso feito, Nick rapidamente libertou o mastro principal e cambiou as adriças, e toda a lona caiu no convés. Quando o barco deu a volta e se inclinou para estibordo, os felizes Nick e Jip saltaram borda fora e avançaram com dificuldade para terra. Nick fez uma amarra da proa do *Calca-Mares* a uma grande rocha na costa. Depois, ele e Jip resguardaram-se na boca da gruta mais próxima para escapar à fúria da tempestade.

E estavam protegidos, empoleirados num profundo banco de recifes dentro da gruta, esperando que a tempestade amainasse antes de voltarem para casa para o jantar.

Aquela gruta daria um excelente esconderijo um dia destes, ocorreu a Nick à medida que Jip e ele trepavam para o barco. Quer para se esconder de piratas sedentos de sangue ou para guardar algum tesouro que ele e a sua tripulação pudessem encontrar nas suas futuras viagens.

— Muito bem, rapaz — disse Nick, debruçando-se na adriça que içava mais uma vez a sua vela grande. — Chegou a hora de voltar a casa!

Agora que a tempestade amainara, estava confiante que conseguiria passar pelos recifes sem muita complicação. Afinal, conhecia as suas localizações de cor e salteado.

Sim, podia sempre contar com o jovem Nicholas McIver para trazer a tripulação para casa em segurança. No fim de contas, havia rapaz mais de confiança em toda a Inglaterra?

II
Capítulo

A GAVETA SECRETA



• 3 DE JUNHO DE 1939 •
NO FAROL BARBA CINZENTA

Aquele rapaz, — dizia Emily McIver para si mesma, — é o rapaz ameno de confiança em toda a Inglaterra! Aonde está aquela criança? — acrescentou, meio em voz alta, pelo menos pela décima vez desde que passara a hora do jantar. — Francamente!

A escovar preocupadamente um tufo perdido de cabelo cor de mel da fronte, esmagou o nariz, mais uma vez, contra a janela embaçada da cozinha. Na última hora, um aglomerado de nuvens lilases tinham-se reunido a oeste e agora gotas grossas de chuva salpicavam, com toda a força, o vidro. A primeira verdadeira tempestade do verão, pensou ela, mergulhando as mãos na água quente cheia de sabão, retirando mais um prato do jantar. Parecia uma desgraça e claro que o seu filho estava lá fora mesmo no centro, como de costume. Faltara ao jantar mais uma vez. E ainda por cima enregelado até aos ossos.

Emily tentou desviar as preocupações crescentes sobre o seu único filho para um local aonde as pudesse controlar. Apenas um pouco de vento, não era? De certeza que já passara por pior, não era assim? Tinha o impermeável, não tinha? *Oh, meu Deus, vejam aquele relâmpago!* Relâmpago do calor, relâmpago do verão.

Finalmente chegara o verão à ilha mais pequena daquelas quatro pequenas ilhas destacadas no Canal da Mancha. Apesar de serem

ilhas inglesas, mantendo-se ferozmente firmes por muitos séculos, estavam bastante perto da costa francesa. Os nomes de muitas das ruas e vilas ainda estavam em francês, mas os ilhéus eram fiéis apenas a Inglaterra. A Ilha Barba Cinzenta, a mais pequena, era famosa por ter mais vacas do que pessoas. E, na verdade, não havia um único carro. Os poucos habitantes eram destemidos marinheiros, agora, na sua maioria, agricultores e pescadores. A verdade é que não se passava quase nada por ali. Mesmo assim, Emily achava que era um dos locais mais encantadores; as costas rochosas, as pastagens onduladas, e agora, claro, as majestosas rosas. Emily, naquela mesma manhã, anunciara jubilosamente a chegada do verão no seu diário:

Depois de um inverno gélido e uma primavera fria e chuvosa, o Sol inesperadamente inundou com calor a nossa pequena ilha verde. Finalmente chegou o verão de 1939! Todas as ruelas têm um telhado verde folhudo saltando no alto, todos os campos estão cobertos por botões-de-ouro e pervincas, e em cada pomar nuvens de pétalas brancas flutuam para a terra, depois rodopiam em redemoinhos por baixo dos galhos, e sobem contra os troncos de árvores rugosos e torcidos como montes de neve. As rosas também sobem mais uma vez até aos telhados das pequenas casas de campo de pedra espalhadas de cá para lá ao longo da nossa pequena ilha, como se um gigante tivesse arremessado mãos-cheias delas e depois, durante a noite, vedações de estacas e de arbustos nascessem para as prender à terra!

Até aquele velho farol, apercebeu-se com um arrepio de prazer, a casa da família McIver há gerações, estava mais uma vez envolvido por lindas espirais de grandes rosas. Eram chamadas de “Rosas Trepadeiras” e ocupavam lugar de destaque na capa do guia da ilha, não era assim? Emily abriu uma fresta da janela da cozinha para cheirar o doce perfume das flores, o aroma da chuva e das rosas flutuando no ar húmido.

Emily voltou a inclinar-se para a frente, espreitando atentamente pela janela escurecida da cozinha. Via apenas linhas de chuva ao longo do caminho vazio em direção ao porto. Aonde estaria aquele rapaz? perguntava pela centésima vez. Mas ela sabia muito bem aonde ele estava.

Bem, pelo menos Kate não estava por aí com ele, pensou Emily com algum alívio. Não, a sua filha estava aconchegada e protegida na sua cama quente, a recuperar de um acesso terrível de sarampo. De outra forma, tão certo como a luz do dia, estaria lá fora a andar ao sabor da sorte naquele barco. Porém, o seu marido, Angus, estava na rua com aquela atroz tempestade num recado parvo de... Um ruído repentino por detrás de Emily quase a fez saltar para fora dos chinelos e ela deixou cair o prato do jantar com um enorme salpico para a água com sabão.

— Valha-me Deus! — gritou ela, virando-se para ver a porta da cozinha a abrir de par em par. Dois redemoinhos, rodopiando numa rajada de vento húmido: um rapaz de doze anos e um *retriever* preto a ladrar vigorosamente nos calcanhares do rapaz.

— Dois demónios vindos da noite e que susto me pregaram! — gritou ela, tentando em vão limpar a água com sabão do avental. — Fecha essa porta! Não vês que a chuva está a entrar?

Interiormente, ela suspirou profundamente de alívio vendo o seu menino em segurança em casa.

— Mãe, só sou eu e o Jipper! — disse Nick, apoiando todo o seu peso contra a porta pesada de carvalho. — Não chegámos tarde, pois não? É que apanhámos um pouco de vento e nós... Jip! Não, não! — gritou Nick, mas era tarde de mais.

Nick, que sabia que já estava metido em sarilhos, viu o seu grande cão preto dirigir-se para junto da sua mãe e sacudir violentamente todas as gotas de água do seu corpo na sua direção, uma tempestade felpuda de quatro patas.

— Muito obrigadinha, Jip! — disse Emily, escovando aquele recente dilúvio do avental. — Maravilha! Fico feliz por ver que não perdeste as maneiras! Está tão terrível como sempre! Olha para esta confusão, Nick!

— Está só a ser simpático, mãe. Feliz por estar em casa?

Tentou esboçar um sorriso, mas não saiu muito bem.

— Isto quer dizer que estás feliz por te ver. É como se estivesse a acenar em linguagem de cão, percebes?

Emily McIver colocou ambas as mãos nas ancas e debruçou-se pela cintura, franzindo o sobrolho para o filho, agora na poça de água por ele criada na sua cozinha.

— Nicholas McIver! Nem penses que te consegues safar desta! É a terceira vez esta semana que faltas ao jantar! E olha para ti! — disse ela, abanando o dedo na direção dele. — E olha também para o coitado do meu chão!

Nick obedientemente olhou para ele próprio, para o avental da mãe e para a poça e teve de acenar com a cabeça em concordância silenciosa. A água saía em jato pelos sapatos e o seu cabelo louro normalmente encaracolado estava colado ao crânio. De novo atrasado, ensopara a cozinha e as hipóteses de uma boa e quente refeição eram, sem dúvida, reduzidas. Estava faminto. Estava *completamente* faminto após um dia duro no mar.

Os restos de um lindo pedaço de carne assada chamaram a sua atenção.

— Desculpa ter chegado atrasado, mãe — disse ele, pegando na pesada travessa de estanho com o assado.

— Porque não vais para a cama e eu arrumo todos estes pratos por ti? É o mínimo que posso fazer, não é?

Emily arrancou a travessa das suas mãos.

— Boa tentativa, Nicky. Sem vergonha, mas boa na mesma. Deixa-me lembrar-te que o jantar nesta casa foi exatamente há duas horas e meia! Este assado vai direitinho para o tacho. Apanha um nabo e uma ou duas cenouras se quiseres e vai para a cama.

Ela estendeu uma tigela de vegetais sem casca e Nick encheu os bolsos para mais tarde os deitar fora. Odiava cenouras apenas um pouco menos do que os nabos. Talvez Jip comesse. Pelo menos um dos dois não ficaria esfomeado.

— Desta vez, a culpa não foi minha, mãe — disse ele, sem conseguir tirar os olhos da dolorosa carne assada. — A tempestade era muito forte, percebes? Eu e o Jip pedimos desculpa. Ambos.

— Do fundo do coração. Bem, tu e o Jip podem pedir desculpa um ao outro. No vosso quarto e com as luzes apagadas para os dois — disse Emily, virando-o pelos ombros e obrigando-o a andar para as escadas. — Toca a andar! Jip, tu também!

Nick parou no fundo das escadas.

— Mãe, posso fazer-te uma pergunta primeiro? — perguntou ele, de repente com um nó na garganta. — Dirias que sou um rapaz que se assusta facilmente?

— Um rapaz demasiado esperto e corajoso para o seu próprio bem, diria eu — disse Emily.

Virou-se para olhar para o filho por cima do ombro.

— Mas, afinal, eu sou apenas a tua mãe. O que é que uma mãe sabe? Os seus pés doem de estar em pé? As suas rosas têm pulgões? O seu coração dói de preocupação sempre que o seu menino está lá fora numa tempestade terrível?

— Desculpa, mãe. A sério — disse Nick. — Mas foi assustador no meio daquela tempestade.

— Conta à tua mãe, Nicholas. Por que razão tens sempre tanto medo de ficar assustado? É a emoção mais natural que um rapaz pode ter.

Nick espreitou pela janela da cozinha listada pela chuva, lutando para conter as lágrimas.

— Porque acho que os rapazes não *devem* ter medo! Os rapazes que leio nos livros nunca têm medo de nada! Mas eu tive medo hoje lá fora, duas vezes! Duas vezes num dia! Devo ser um miserável cobarde choramingas! — Sentou-se no último degrau e limpou uma lágrima.

— Não és um rapaz dos livros, meu filho, és um rapaz normal. E, ter medo, é normal para...

— Eu tentei, sabes? Ah, se tentei! Mas não conseguia que o *Calca-Mares* fosse para barlavento do Pedra Tumular, e eu... — Nick interrompeu, há medida que se lembrava daquele terrível momento. — Eu... Eu sabia que a nossa única hipótese era tentar e flutuar pela vaga da tempestade por cima dos recifes e, depois, uma enorme onda acertou-nos no flanco do barco, quase nos virou e pensei que o Jipper, o coitado do Jip...

Nick sentiu as lágrimas salgadas e quentes a brotarem-lhe dos olhos e rapidamente olhou para baixo para o seu cão. Se alguma vez quisesse ser um verdadeiro herói, claramente que o seu cão e a sua mãe não o deviam ver a chorar por causa de algumas ondas grandes.

— Chega aqui, Nicky — disse Emily. Nick levantou-se vacilante e chegou-se a ela, grato por sentir o seu rosto contra a blusa engomada e cheirosa, um local seguro aonde ninguém podia ver as lágrimas de completo alívio por ainda estar vivo a escorrerem pelas suas bochechas. Como ansiara pela segurança destes mesmos braços quando o rochedo gigante o ameaçara.

— E qual foi a segunda coisa assustadora, filho? — perguntou, afagando com cuidado a parte de cima da sua encharcada cabeça. Sentiu finalmente que o rapaz parara de tremer e apertou-o contra si. — Além da terrível tempestade?

— Ah! Bem, nem foi assim tão má, mãe — disse ele, por fim a acalmar. — Foi perto do meio-dia, acho eu. O Jipper e eu virámos para norte perto do Ponto Hawke. E, de repente, o céu ficou todo preto e com prenúncios de trovoada, e pensámos que vinha aí uma tempestade. Mas não era, pelo menos ainda não. Não, eram centenas e centenas de aviões pesados! Bombardeiros! Voaram mesmo por cima do calcês do *Calca-Mares*! Estavam bastante baixos, e o Jip e eu corremos na proa para gritar viva e acenar para os nossos rapazes, mas, na verdade, *não eram* os nossos rapazes, mãe. Todos tinham grandes suásticas pintadas nas fuselagens e nas asas... Eram alemães!

— Alemães? Não largaram nenhuma bomba em cima de ti e do Jip, pois não, querido? — perguntou Emily com um sorriso. — Isso seria assustador.

— Não, não largaram nenhuma bomba — disse Nick, sorrindo para ela. — E acenámos na mesma e alguns até abanaram as asas em resposta, como se fôssemos amigos. Foi isso que me assustou mais.

— Acho que és um rapaz muito corajoso, Nicholas McIver — disse Emily, dando-lhe um curto beijinho no cocuruto. — Mas os rapazes corajosos não se tornam homens corajosos sem um pouco

de esperteza, também. Sê suficientemente esperto para teres medo quando precisares, está bem, Nick? Agora, vamos embora. Para a cama.

— Vai mesmo haver uma guerra, mamã? — perguntou Nick, relutante em afastar-se dela. — Com os Nazis? Os Alemães, quero dizer?

— Já tivemos guerras suficientes para um século, muito obrigada. Não vai haver outra.

— Mas, o pai diz...

— Nick, ouve-me — disse ela, afastando-o um pouco dela e olhando-o nos olhos. — Algumas pessoas, como o teu pai, acreditam no que diz o Sr. Churchill. Que a guerra com a Alemanha é inevitável. Eu prefiro acreditar no nosso Primeiro-Ministro, o Sr. Chamberlain. Como sabes, o meu irmão, Godfrey, passa todas as horas do dia ao lado do Primeiro-Ministro no número dez da Downing Street. Ele tem acesso a tudo, menos aos documentos mais confidenciais, e está convencido de que os nazis não têm qualquer interesse em entrar em guerra com a Inglaterra. Sempre acreditei no teu tio e continuo a acreditar. Não é simples? Agora: para a cama sem atrasos!

Nick olhou para a mãe. Sinceramente esperava que fosse assim tão simples, como preto e branco, como ela dizia. O seu tio Godfrey, enquanto secretário do Primeiro-Ministro, de certeza que sabia do que estava a falar, não era?

— Mãe, tenho a certeza de que tens razão. Mas ao menos posso contar ao pai...

— O teu pai não está aqui, pequeno — disse Emily ao colocar o último prato seco na prateleira. — Teve uma reunião de emergência da sua amada Sociedade de Ornitológos Amadores.

Ela riu entre dentes perante a ideia de um qualquer tipo de emergência na pequena e calma Ilha Barba Cinzenta. Que possível emergência podia mover um bando de observadores de pássaros numa noite como aquela? Só mesmo observadores de pássaros, pensou Emily.

— Ah, Nick? Antes de te deitares, traz-me os meus óculos, sim? Deixei-os no escritório do pai, na secretária, acho eu. E, Nicholas,

para de enfiar o dedo na barriga do teu bisavô, só vais piorar a situação!

Na base das escadas em caracol, que levavam até ao topo do farol, estava um retrato de um antepassado McIver que Nick muito admirava. O almirante há muito morto pendurado em cima da cornija da lareira tinha um buraco denteado no meio da sua grande barriga e Nick adorava empoleirar-se em bico de pés e enfiar o punho pelo estômago do velho. Nunca ninguém soube muito bem como é que o buraco escancarado apareceu, mas toda a gente tinha a sua história quanto ao almirante com o buraco na barriga. De certeza que havia uma qualquer grande aventura por detrás do quadro e Nick adorava enfiar o punho pela pança perfurada do seu antepassado sempre que subia as escadas.

— Desculpa, mãe — disse ele, enfiando mais uma vez o punho na barriga. — O pai está outra vez a observar pássaros? Imaginem observar pássaros numa noite como esta! — disse Nick por cima do ombro, e saltou escadas acima, agora muito mais confortado pela sua mãe.

Sim, imaginem, riu a Emily para si mesma.

— Ah, observadores de pássaros! — disse meio em voz alta e caiu para a cadeira demasiado estofada e bem gasta que estava perto do centro da cozinha. Fora um dia longo e cansativo. O que ela queria era adormecer ao som suave do fogo crepitante da cozinha com o ponto cruz no colo. Angus acordá-la quando voltasse de “observar pássaros”.

Era, afinal de contas, a coisa mais parva. Ainda bem que amava muito o seu marido ou nunca teria desculpado a sua nova paixão. A “Sociedade de Ornitólogos Amadores”! A escalar por toda a ilha com os seus pequenos telescópios e os seus binóculos pretos e pesados. Com as caras enlameadas e pedaços de folhas e ramos enfiados nos chapéus. E sempre a olhar para o mar. À espera que os nazis viessem. Como se os nazis se ralassem com três ou quatro pequenas ilhas inglesas no Canal! Mais perto de França do que de Inglaterra e habitada principalmente por vacas! Imaginem, pensou ela, rindo-se para si mesma. Salve Adolf Hitler, Rei das Ilhas do Canal, Chanceler das Vacas!

— Nicholas? — gritou Emily, ainda a rir para dentro e a dar um pontapé numa pequena e errante brasa de volta para a lareira. — Trazes-me, por favor, os óculos? Sabes que não consigo fazer nem um ponto sem eles!

Sem resposta! Aonde é que estava aquele rapaz? perguntou-se, pelo que parecia ser a milésima vez naquele dia.

Ao entrar no escritório do pai no cimo das escadas, mesmo por debaixo do lance para o grande farol em si, a primeira coisa em que Nick reparou foi no velho casaco de pele de voo do pai. Estava pendurado nas costas da cadeira. Vestindo o casaco desgastado, que muito cobiçava, sentou-se na cadeira do pai em frente à secretária, percorrendo os dedos pelas asas de prata presas no peito do casaco.

Um casaco de herói, pensou Nick, olhando para baixo para as asas brilhantes. O pai dele vestira-o no dia em que o seu Sopwith foi abatido, despenhando-se em chamas na Floresta de Ardennes. Angus McIver escapara do avião em chamas, mas, no processo, a perna direita deixara de andar. Depois daquele dia terrível, nunca mais voou e mesmo agora, vinte anos depois, andava apenas com a ajuda de uma bengala robusta.

Mas voltara da Grande Guerra para ser recebido como um herói pela pequena Ilha Barba Cinzenta, pensou Nick. Sim, sem dúvida! Um verdadeiro herói, seja isso o que for. Tudo o que Nick sabia é que queria ser um herói do pior possível, pensou, pegando no velho cachimbo *bruyère* dele e prendendo-o entre os dentes tal como o seu pai fazia. Perguntava-se se tinha em si o que era preciso para ser um herói, mastigando a haste do cachimbo. Era suficientemente corajoso? Forte o suficiente? Inteligente o suficiente? Bem, para quê chatear-se?, pensava. Provavelmente nunca teria a oportunidade para descobrir, vivendo numa pequena ilha mesmo no meio do nada. O seu próprio pai observava pássaros, por amor de Deus! Isso só demonstrava a fome *dele* por aventura.

Agora, qual era a sua missão? Ah, sim! Os óculos de leitura da mãe. Aonde estariam? Tateou, empurrando as pequenas pilhas de livros e de papel para a frente e para trás. Mergulhou a mão num pequeno cesto no meio da secretária, cheio de canetas e lápis an-

tigos. Talvez ela os tivesse posto — *Esperem aí!* — os dedos tocaram num objeto protuberante, frio e redondo mesmo nos fundos do cesto. Parecia ser um botão, mas um botão especial. Um botão secreto!

Obviamente, tinha de premi-lo!

Com um clique mecânico e um ruído leve sibilante, uma gaveta apareceu abruptamente mesmo acima do pequeno cesto. Simplesmente abriu-se, como um convite inesperado! Foi bastante surpreendente, de verdade, ser de repente confrontado com o que era claramente uma gaveta secreta. A sua curiosidade natural levou a melhor sobre ele, e ele levantou-se e espreitou lá para dentro.

No fundo da gaveta encontrava-se um velho diário de bordo que alguém claramente não devia ver. Era uma pasta vermelha de pele desbotada com as palavras PÁSSAROS MIGRATÓRIOS DAS ILHAS DO CANAL cravadas a ouro na capa. Bem, mistério resolvido, disse Nick para si mesmo. Tinha alguma coisa a ver com a Sociedade de Ornítólogos Amadores. Pegou cuidadosamente na pasta pesada da gaveta e examinou-a pormenorizadamente. Era curioso, pensou, apesar de saber que o seu pai amara voar, nunca se interessara por pássaros, pelo menos até há pouco tempo.

Sentindo um pouco de culpa, Nick abriu o grosso volume e começou a folhear as páginas amarelas. E tornou-se imediatamente evidente de que, na verdade, o seu pai não era nenhum apreciador de pássaros secreto. Há medida que rapidamente folheava o livro, viu que o seu pai anotara todos os dias, com precisão, as idas e vindas diárias, as “migrações”, de todos os barcos alemães que passavam pelo Canal!

Os “pássaros migratórios” eram nada mais, nada menos do que os grandes transatlânticos, a frota mercante e navios de guerra alemães saindo a vapor de Hamburgo e do Reno, *migrando* pelo Canal! Olhando para o final da página, leu uma nota alarmante com a letra do pai:

*Documentação entregue: 1 de março de 1939, 08 horas,
possível avistamento de um submarino alemão Classe
Alfa perto da Ilha Barba Cinzenta a 230 graus, ociden-*

*te, aumento de atividade em todos os setores, dia e noite.
Confirmado por Tor e enviado por W.S.C.*

Tor? A bonita lancha que vira entrar e sair no porto nestas últimas semanas? E quem, ou o que, era W.S.C.? Ou, já agora, um submarino alemão Classe Alfa?

A adicionar cada vez maior mistério, Nick viu que havia mais um ou outro segredo na gaveta. Apesar de quase não acreditar, no fundo da gaveta havia um revólver niquelado Webley & Scott de calibre .45. Ao pegar na arma com cuidado, verificou que estava carregada. O seu pai tinha uma arma, uma arma carregada? Colocando o pesado revólver delicadamente em cima de uma pilha de papéis, respirou fundo e voltou à gaveta. A arma tinha sido guardada em cima de um maço de cartas, preso por uma fita vermelha. Nick retirou as cartas a pensar “perdido por cem, perdido por mil”. Todos os envelopes tinham a palavra “Chartwell” gravada no canto superior esquerdo. Todos estavam endereçados ao seu pai, Farol Barba Cinzenta, Ilha Barba Cinzenta. Não se atreveu a abrir nem um, apesar da grande tentação.

Chartwell, Nick sabia pelos jornais, era o nome da casa de campo em Kent de Winston Spencer Churchill! Sim, sim, o grande e velho W.S.C. em pessoa!

Nick, lutando para conter o entusiasmo, colocou de novo com cuidado tudo na gaveta tal como estava. Primeiro o maço de cartas de Churchill. Em cima do maço de cartas, a pistola carregada. E por fim, a pasta pesada de pele. Esperem, o título estava para cima ou para baixo? Para baixo, tal como se lembrava. Com um pequeno toque dos dedos, a gaveta secreta fechou-se silenciosamente e com um clique ficou travada. Olhando fixamente para o local aonde a gaveta simplesmente desaparecera, viu os pequenos óculos de armação dourada da mãe na prateleira mesmo acima. Pegou neles e colocou-os distraidamente no bolso da frente da camisa.

Respirando ofegantemente e sentindo-se ligeiramente atordoado, andou em direção a uma das muitas grandes janelas redondas com vista para o canal, para onde quer que se olhasse. Viu um clarão de puro brilho branco quando o grande sinal luminoso do farol deu a volta mesmo por cima dele. A tempestade partira agora para este por

cima dos campos costeiros franceses. Ainda iluminava o céu com a eletricidade crepitante, mas não se comparava com as correntes que circulavam pelo jovem Nicholas McIver naquele preciso momento. Talvez estivesse enganado, pensou. Há poucos minutos sentira pena de si próprio, preso aqui numa rocha aonde nunca nada acontecia. Bem, estava a acontecer algo, disso tinha a certeza.

Olhou para baixo para a vasta e negra superfície do Canal, alongando-se agora sob o céu à luz da Lua. Como de costume, não havia falta dos finos rastros de branco, rabiscados pela superfície do Canal em direção a leste. Mas agora parecia que adquiriam muita importância. Agora sabia o que eram. Eram submarinos alemães. Eram os temidos submarinos alemães, saindo da Alemanha e por debaixo das ondas desse calmo Canal, talvez em direção a Inglaterra. Se o seu pai e W.S.C. estavam certos, claro.

Tremeu perante um pequeno arrepio de medo, e o repentino sabor azedo do tabaco na sua boca lembrou-lhe que o cachimbo do pai continuava cerrado no seu maxilar.

O seu próprio pai, que construía pequenos e robustos barcos que nunca metiam água, e que ria e contava histórias engraçadas quando o aconchegava na cama todas as noites, era um espião! Aquele homem que cultivava rosas nos dias de verão e recitava Wordsworth nas noites invernosas era um espião! Um que guardava um revólver — um revólver carregado — numa gaveta secreta e que, incontestavelmente, estava envolvido em espionagem secreta em nome do grande Winston Churchill. O seu próprio pai! Era a coisa mais incrível imaginável. Afinal de contas, talvez pudesse improvisar uma pequena aventura naquela velha ilha.

— Mãe! — gritou com toda a força a correr pelas escadas a baixo, saltando três degraus de cada vez. — Mãe, encontrei os teus óculos! Não é maravilhoso?

III
Capítulo

OS NAZIS NO CANTEIRO DE MÓRANGOS



• 4 DE JUNHO DE 1939 •
NO FAROL BARBA CINZENTA

Um nariz húmido e frio intrometido por debaixo do seu queixo fez Nick McIver sentar-se na cama na manhã seguinte. Era o seu despertador de confiança, Jip, que cobria as bochechas com lambidelas, saltando depois para fora da cama e descendo para o pequeno-almoço como era da praxe. Através de olhos ensonados, Nick viu a luz do Sol sarapintada já a brincar nas cobertas da cama. Como já era seu hábito, engoliu uma lufada de ar do mar salgado que se precipitava pela janela aberta. O sabor do ar penetrante e a visão do canal azul bem em baixo era como ter a própria vida como pequeno-almoço. E a vida, para Nick, estava agora cheia de promessas.

Tinha de acreditar que a vista do seu quarto no cume do farol era provavelmente a mais esplêndida em toda a Inglaterra. Quantos mais rapazes tinham o comando completo do Canal da Mancha para todas as direções das janelas do seu quarto? A partir do seu ninho de corvo altaneiro, podia controlar o tráfego de longo curso em todos os pontos do compasso. Limpando o sono dos olhos, estava satisfeito por ver a fragata francesa de casco branco *Belle Poule*, oriunda de Calais, navegando a vapor mais uma vez em direção ao porto natal. Inclinou-se ainda mais na janela.

Glorioso.

O céu da manhã fora limpo de quase tudo à exceção de algumas gordas bolas de algodão e o mar esticado lá em baixo, um tapete ondedado de azul real atravancado de boinas brancas. No ar, um grande turbilhão de andorinhas-do-mar, falaropos e painhos rondavam, gritando uns para os outros e mergulhando diretamente a cada clarão de prata em baixo no oceano.

Nick esticou ainda mais a cabeça, olhando para todas as direções procurando algo fora do comum no tráfego de longo curso da manhã. Viu o *Maracaya*, uma banheira enferrujada vinda de Cartagena, percorrendo o seu caminho indolente para Portsmouth ou Devon, o vapor preguiçosamente à deriva das chaminés. Tudo igual, pensou, estranhamento confortado.

Nick sorriu, encostou-se contra a almofada, apertou as mãos atrás da cabeça e ponderou na viravolta excitante que a sua vida de repente dera. Parecia que, de um dia para o outro, se tornara demasiado grande para este pequeno e caiado quarto repleto de coisas infantis e pueris. Agora vivia no mundo adulto dos espiões e segredos e submarinos. Tinha a certeza que os espiões não se metiam em sarilhos por se atrasarem ao jantar.

Os seus olhos vaguearam até à prateleira na parede do outro lado dos pés da cama. Estava bamba dos livros e tesouros de infância. Sendo o mais prezado, o velho óculo de lata de ver ao longe, legado pelo seu trisavô.

Naquele tempo, pensava Nick suspirando, os McIvers eram capitães da Marinha. O velho telescópio era especialmente apreciado devido às iniciais desmaiadas no anel de focagem ocular. Ao passar os dedos pelas letras sumidas, gostava de imaginar o seu antigo e marinheiro homónimo a avançar para a batalha contra os franceses, ao leme de um navio de guerra. Os seus antepassados eram homens do mar, tal qual o grande Lorde Almirante Nelson em pessoa! O mar, aonde os heróis nasciam e criavam, e onde Nick ansiava por uma vida de marinheiro com todo o seu coração.

O livro da noite anterior ainda estava aberto obliquamente nas cobertas da cama. Tratava-se de um depoimento de uma testemunha ocular da morte trágica do Lorde Almirante Nelson, no tombadi-

lho superior do seu navio-almirante *Victory* em Trafalgar. Nelson, apenas com quarenta e sete anos, fora cruelmente abatido por um atirador de elite francês, pendurado nos mastros do mastaréu de um navio de guerra francês.

As quatro estrelas brilhantemente polidas no peito do Lorde Inglês do Mar fizeram dele um alvo fácil. O maior herói de Inglaterra caíra, e o seu sangue misturara-se com as lágrimas dos seus camaradas ao deitar-se no convés, morrendo.

Ao ler e voltar a ler a passagem, Nick sempre sentira intensamente a morte do seu herói, com uma tristeza normalmente reservada à família.

Havia uma frota de pequenos navios de madeira por baixo da cama. Nick lutara uma e outra vez todas as grandes batalhas marítimas de Nelson. Todas à exceção da última, claro. Nick decidira que Trafalgar seria a última batalha defrontada pela sua frota de madeira, o tributo final ao seu herói de infância antes de guardar para sempre os seus brinquedos.

Nelson, o Forte. Nelson, o Bravo. Nelson, o Senhor do Mar.

Inesperadamente, a porta do quarto de Nick abriu com um estrondo, fazendo com que se sentasse perfeitamente direito pela segunda vez naquela manhã. Ali estava a sua irmã Kate de quase sete anos. Tinha uma das suas muitas bonecas esfarrapadas debaixo do braço e Nick reparou que esta tinha os mesmos olhos grandes e azuis e caracóis ruivos e fortes que a sua irmã. O pequeno sorriso tímido no rosto significava que estava em algum tipo de sarilho. Tivera apenas seis anos de paz na sua vida, os anos antes de a irmã nascer, e a maior parte das horas do dia eram passadas a tentar ficar um passo à frente dela.

— Ah! Olá, Nick — disse ela, encostando-se à porta. — Ainda estás a dormir?

— Diz-me uma coisa, Kate — disse ele com um bocejo. — A sério. Já alguma vez, num milhão de anos, conheceste alguém que dormisse sentado? Pensa nisso.

— Hmm. Bem, na verdade, sim — disse ela — Eu.

— Ah, não sejas um enfado tão grande — disse Nick, citando a palavra preferida da mãe. — Quem é que no mundo dorme sentado e direito?

— Olha, o pai. Na igreja. Todos os domingos de manhã — disse Kate, olhos azuis tal qual centáureas enrugando-se em vitória total.

— Ah! — disse Nick, franzindo as sobrancelhas. — Certo! — Jesus! Mal acordara há cinco minutos e ela já lhe passara a perna. Iria ser um longo dia. Abanou a cabeça para limpar as teias de aranha. — Bem, para tua informação, eu já não estou a dormir.

— Ainda bem, porque o pai quer saber uma coisa — disse Kate, balançando a boneca preguiçosamente pelo cabelo.

— O quê? — perguntou Nick, tapando outro bocejo com as costas da mão.

— Bem, ele queria saber se planeias dormir o dia todo ou se vais descer para...

— Ah. Pequeno-almoço — disse Nick e virou as pernas para a beira da cama. Seja como for, tendo ido para a cama sem jantar, conseguira esquecer-se totalmente do pequeno-almoço. — Certo. Desço já. Estou esfomeado. — Puxando o cabelo para longe dos olhos, tentou lembrar-se para onde atirara as calças.

— Nick, já agora? — perguntou ela, rodopiando a boneca num pequeno e apertado arco. — Acreditas em nazis?

— Bem, acho que sim — disse Nick, puxando as suas bastante gastas calças de verão, as duas pernas ao mesmo tempo. — Acredito como em qualquer outra coisa.

— Sabes como são?

— Acho que o reconheceria com toda a certeza mal visse um de perto — respondeu Nick. — Porque perguntas?

— Bem, devíamos estar atentos a eles. É só isso — disse ela com uma grande seriedade. — Vamos ser observadores de pássaros, como o papá. Todos nós. Eu, tu, até a mamã. É disso que o pai nos quer falar. Já falou connosco sobre eles. Acho que a mamã não acredita em nazis. E o pai diz que a mamã não devia bisbilhotar as suas gaveta secretas à procura do seu grande livro de observadores de pássaros se ela... ah, fazemos uma corrida até ao fundo das escadas, Nick!

Ela vira o olhar tempestuoso na cara do irmão e decidiu bater subitamente em retirada em direção à cozinha.

— Espera aí! — disse Nick. O livro de observadores de pássaros? — Ele, ele pensa que foi a mamã a encontrar a gaveta secreta e a... Espera um segundo! — Mas a irmã já estava a meio das escadas tortuosas. Nick investiu atrás dela, calçando-se enquanto corria. — Kate! Volta aqui! Espera! Não... — Mas ela tinha um avanço demasiado grande e já estava à mesa da cozinha quando Nick irrompeu na sala cheia de sol.

E ali, na mesa da cozinha, aonde ele temia que estivesse, encontrava-se o emurhecido diário de bordo de cabedal vermelho da gaveta secreta no andar superior. Na mesa mesmo entre os pais sentados a olharem um para o outro num silêncio gelado. E olhou para a pequena Kate que tinha um grande sorriso na cara.

— Fui eu — disse Nick francamente. Viraram-se todos para olhar para ele.

— O que queres dizer, Nick? — perguntou o pai com uma expressão desconcertada no rosto.

— Abri a gaveta. Tirei o livro. Não quis ler, pai. Não consegui evitar. Estava à procura dos óculos da mãe e premi o pequeno botão e a gaveta saltou. Não quis olhar, mas... Desculpa, pai. A sério.

— Obrigada, Nicholas. — A mãe sorriu na sua direção. — Estava a tentar dizer a este homem que não era a culpada, mas já conheces o teu pai. — Limpou com cuidado um pouco de compota do canto da boca e acrescentou: — Bem, de qualquer das formas, a verdade vem sempre ao de cima, não é? Pelo menos não temos de continuar a acreditar neste disparate de “observação de pássaros”. Não é assim, meu querido marido?

O pai de Nick lançou à sua esposa um dos seus olhares e disse:

— Eu sabia sem sombra de dúvidas que *alguém* estivera a espreitar, porque o diário foi posto de volta na gaveta ao contrário e... bem... — Parou e olhou para a mulher com um sorriso envergonhado. — Desculpa, hábitos antigos. Devia ter sabido que era aqui o pequeno Sr. Curioso e não...

— Não há problema, meu querido — interrompeu Emily. Levantou-se da mesa e pôs-se atrás do marido, acariciando a sua cabeça

com beijos brincalhões. — Na verdade, foi mesmo o oposto! — Virando-se para Katie, acrescentou: — Vem comigo, Katherine, e traz o teu cesto de bagas. Vou precisar da tua ajuda se quiser pôr a tarte de morangos no forno a tempo do jantar.

A irmã passou por ele, claramente um pouco desiludida por a discussão não ter sido maior e porque Nicholas não ficara em piores lençóis. Kate não *tentava* necessariamente causar sarilhos ao irmão, mas ficava sempre bastante feliz quando se desenrolavam. Desde que, claro, fosse o seu irmão e não a própria Kate a origem. Felizmente, esse era normalmente o caso.

Nick McIver nunca procurava causar sarilhos, parecia que os sarilhos o procuravam.

— Nicholas, senta-te direito e come o teu *porridge*¹ — disse o pai calmamente. — Quero falar consigo, jovem rapaz. — Nick viu o olhar da sua irmã brilhar instantaneamente. Ela pensou que ele agora é que estava realmente tramado e, provavelmente, estava certa. Ela sorria com essa sabedoria para o irmão ao levantar-se da mesa e ficou chocada ao ver a ponta cor-de-rosa da língua do irmão a espreitar da boca.

— Mãe, o Nick mostrou-me a língua e...

— Não mostrei nada! Estava apenas a tirar um pouco de *porridge* dos...

— Nicholas, comporta-te! Ah, Angus, já agora... — Emily chamou o marido enquanto esperava à porta da cozinha que Kate apanhasse o cesto.

— Sim, querida?

— Não te preocupes. Soaremos o alarme se encontrarmos nazis escondidos no canteiro de morangos! Não é, Katie? — Riu e rompeu pela porta, o grande cesto de palha a dançar feliz no braço. Nick podia ouvir o riso dela ao longo de todo o caminho para o canteiro.

O pai de Nick olhou para ele. Durante um segundo, Nick temeu o pior. Mas depois Kate saiu a correr pela porta, com o cesto no braço, cantando acerca dos nazis no canteiro de morangos e a cara de

¹ *Porridge* é uma papa de flocos de aveia cozidos em água, servida com leite frio, fazendo parte do pequeno-almoço tradicional inglês e escocês. (N. da T.)

Angus abriu com um largo sorriso. Mas o sorriso do pai rapidamente desvaneceu e empurrou o diário de bordo vermelho pela mesa em direção ao filho.

— Parto do princípio que tenhas lido o que está aqui — disse Angus.

— Sim, pai — admitiu Nick. — Partes! O suficiente para perceber do que se trata.

— Por muito divertido que a tua querida mãe ache tudo isto, asseguro-te que não é matéria para rir. — Angus interrompeu-se para reacender o cachimbo e sentou-se a bafejá-lo, olhando para Nick pensativamente. — Posso vir a precisar da tua ajuda, filho — disse por fim.

— No que for preciso, pai — respondeu Nick com os olhos a brilhar. — Seja o que for! — Uma onda de excitação circulava pelas suas veias, como nunca sentira. Sabia que a sua vida estava a mudar mesmo em frente dos seus próprios olhos.

— A guerra está a chegar, Nick — disse Angus. — Uma guerra terrível. A tua mãe não acredita porque o irmão dela pertence ao governo e o governo acredita que não haverá guerra. É a opinião da maior parte das pessoas e percebo a opinião da tua mãe. Mas, Nick, eu acho que a guerra está iminente. Os alemães enganaram-nos a todos. Parece que apenas o Sr. Churchill percebe a situação desesperada de Inglaterra. Ele não tem poder, nem nenhuma autoridade, mas está a tentar sozinho soar o alarme por toda a Inglaterra, antes que seja tarde de mais.

— Não está propriamente sozinho, não é, pai? — perguntou Nick, colocando a mão no diário de bordo dos Observadores de Pássaros.

— Não, se calhar, não está completamente sozinho, Nick — disse Angus, com um aceno de apreço para o filho. — Como não pertence ao governo, tem de depender de um grupo de cidadãos privados, como eu, para ter acesso a qualquer fragmento de notícia acerca das forças navais e aéreas. Nem todos somos faroleiros de uma perna de vigia a faixas marítimas. Há muitos empresários ingleses na Alemanha de olho nas linhas férreas. Conheço um grupo de professores em Dorset que vigiam os céus costeiros todas as noites. Somos uma confederação livre de observadores, Nick. Trabalhamos em segredo

total e relatamos as nossas descobertas diretamente a Churchill, para a sua casa em Kent.

— Por que razão o governo não ouve o Sr. Churchill, pai? — perguntou Nick, com os olhos escancarados ao imaginar-se parte de uma rede vasta de espões.

— Oh, é a política, filho. Do pior tipo! — disse ele, inclinando-se para trás na cadeira e deixando um fio fino de fumo escapar dos lábios. — Como a maior parte dos políticos, o Primeiro-Ministro diz ao povo apenas o que este quer ouvir. É que sabes? A maior parte das pessoas é como a tua mãe. Odeiam a guerra e têm razão para tal. Como sabes, perdemos uma geração inteira de rapazes não muito mais velha do que tu na última guerra. E essa memória está muito viva e é muito dolorosa. Toda a gente teme que aconteça de novo. Toda a gente quer a paz tão desesperadamente que o Primeiro-Ministro e o governo de Sua Majestade estão a enterrar as cabeças na areia, esperando que se derem ao Hitler o que ele quer, este irá embora e deixar-nos-á em paz.

— Eu também quero paz, pai — disse Nick suavemente. — Tu não queres?

— Claro que quero, Nick — disse Angus. — Mas a paz a qualquer preço é a linha de ação mais perigosa que podemos adotar. A Inglaterra é fraca, com pouco estômago para o combate. Mas vamos combater e mais cedo do que pensamos. Neste momento, os bombardeiros e os soldados Luftwaffe alemães são mais numerosos do que os nossos na proporção de dez para um. A Alemanha tem milhões de soldados, todos altamente treinados. E estão a construir os navios de guerra e submarinos mais poderosos que já se viram. Incluindo algum tipo de super-submarino de que apenas ouvimos rumores. Altamente experimental. Prometi a Churchill descobrir tudo o que podia acerca desse submarino.

— Por que razão os submarinos são tão importantes? — perguntou Nick, fazendo uma nota mental para não se esquecer de contar ao pai acerca dos esquadrões de bombardeiros que vira ao largo do Ponto Hawke.

— Comida, Nick — disse Angus. — A Inglaterra é uma ilha pequena. Nunca consegue cultivar comida suficiente para se alimentar.

Na primeira guerra, os submarinos alemães quase foram bem-sucedidos no corte do fornecimento da nossa comida, afundando todos os comboios com destino a Inglaterra. Foi por isso que, depois da Grande Guerra, os alemães foram proibidos de construir submarinos pelo Tratado de Versalhes. Hitler está a ignorar esse tratado e os nossos relatórios semanais para Chartwell provam-no. Não podemos permitir que os submarinos ganhem mais uma vez o controlo do Canal ou do Atlântico Norte. Se ganharem, desta vez morreremos à fome. Percebes tudo isto, Nick?

— S-sim, pai. Acho que sim — respondeu Nick. Pensava no irmão da mãe, o tio Godfrey, e nos seus filhos pequenos que viviam em Cadogan Square, mesmo no centro de Londres. Também pensava nos céus, por cima da capital, negros com os bombardeiros a tropejar como os que vira ao largo do Ponto Hawke. E a ideia de toda a Inglaterra e a Europa sob ataque. Seria uma guerra, perguntou-se, que poderia chegar à pequena Ilha Barba Cinzenta? — Mas que posso eu fazer, pai?

— Só tenho dois olhos, Nick, e nenhum deles tão fortes como eram — disse Angus. — Dava-me jeito mais dois bons olhos além dos meus no topo do farol todas as noites. Observando as pegadas dos submarinos à luz da Lua. E, quando navegas o *Calca-Mares*, podias ficar de olho em qualquer coisa que possa ser importante. Periscópios. Qualquer comboio grande de navios alemães. Qualquer atividade fora do comum que vejas. Seja o que for, filho, põe por escrito e incluirei no meu relatório semanal para Chartwell.

— Como é que os teus relatórios chegam ao Sr. Churchill, pai? — perguntou Nick, desfrutando do arrepio que sentiu ao imaginar o grande homem a ler, pessoalmente, um dos relatórios do próprio Nick.

— Ah! Eu tenho um contacto chamado “Capitão Tor”. Provavelmente não é um nome real, mas um código. Um ex-marinheiro, acho eu, e muito experiente neste tipo de afazeres. Na verdade, é o líder do nosso pequeno grupo de “observadores de pássaros”, como chamamos a nós próprios. O Capitão Tor atravessa o Canal para Portsmouth todas as semanas na sua lancha a motor de vinte metros. Entrega os relatórios a um velho pescador que aguarda mesmo à

entrada do porto. Entrega-os bastante rapidamente também. Motor v12 por baixo, motores de avião. Chama-se *Tor*, na verdade. Se ca-lhar, já o viste por aí?

— *Tor!* Como não poderia ter visto! É uma verdadeira beleza — disse Nick. — Acho que vi esse Capitão Tor ao leme. — Nick olhou para o pai com grande ansiedade. — Farei tudo o que puder para ajudar os observadores de pássaros, pai. Podes contar comigo.

— Sabia que podia contar contigo, Nick. Mais uma coisa: este esforço de Churchill é uma questão de extrema confidencialidade. Nem o Rei Jorge tem conhecimento! Tens de jurar total secretismo. O que estou a fazer vai completamente contra os desejos do governo. Perderia o meu trabalho se o Ministério alguma vez descobrisse que estava a ajudar Churchill. E mais uma coisa. Quando a guerra come-çar, o destino de qualquer pessoa que seja apanhada pelo inimigo a espiar é a morte. E agora és um espião, filho, tal como eu. Lembra-te disso. Consegues guardar um segredo assim tão grande?

— Sim, pai. Juro — disse Nick, mas não estava mesmo a pensar que o pai perderia o seu trabalho ou que alguém morreria perante um esquadrão da morte nazi. Estava a convencer-se de que um mero rapaz de doze anos estava envolvido num segredo tão grande que nem o Primeiro-Ministro nem o Rei Jorge tinham conhecimento!

Nessa noite, ao adormecer, uma ideia fantástica ocorreu a Ni-cholas McÍver. Talvez tivesse apenas doze anos, um rapaz que talvez nunca crescesse nalgum tipo de herói verdadeiro, mas quantos mais rapazes conhecia que pudessem afirmar que eram espiões em carne e osso, por amor de Deus?

Não conhecia nenhum!

IV Capítulo

Ø BAV DE BØRDØ



• 5 DE JUNHO DE 1939 •
NØ PØNTØ FARØL

Estamos sentados nesta rocha velha estúpida todo o dia e não vimos um único estetoscópio! — disse Kate.

— Periscópio — corrigiu Nick, apesar de um estetoscópio já ser mais do que bom naquela altura do campeonato.

— Periscópio, estetoscópio, como é que podemos vigiar os nazis se nem podemos olhar pelos binóculos? — perguntou a irmã, dando um dos seus patenteados suspiros de fim do mundo.

— Espera um minuto, está bem? — respondeu Nick. — Deixa-me acabar de varrer. Isto não é para ser divertido, sabes? Espiar é uma coisa muito séria.

Era verdade. Não era divertido. Nick não iria admitir isso a Kate, mas toda esta história de espões não era minimamente fascinante ou excitante como imaginara inicialmente. Além disso, a mãe dele provavelmente tinha razão, no final de contas. Talvez os nazis fossem simplesmente deixar Inglaterra e a sua pequena ilha em paz. Ele tinha esperanças de que assim fosse, mesmo que isso significasse que iria sair do negócio dos espões.

Ele e Kate conseguiram chegar às rochas largas do Ponto Farol logo após o pequeno-almoço. Os molhes davam uma curva, formando um pequeno porto onde o *Calca-Mares* estava ancorado.

Davam-lhes uma posição vantajosa perfeita para vigiar os mares em volta da extremidade a norte da ilha. Tinham levado um farnel para os molhes e, durante algum tempo, com as gaivotas a rodopiar perto deles e o mar azul a bater nas rochas, fora divertido. Agora, à medida que a sombra da tarde do grande farol crescia cada vez mais na colina do promontório rochoso, e as horas passavam sem um único periscópio ou navio a vapor à vista, ambas as crianças estavam fartas de espiar.

— Toma — disse Nick, entregando os binóculos a Kate. — Dá mais uma olhadela, enquanto eu vou procurar o Jip. Depois vamos para casa. Amanhã é outro dia. Os nazis devem ter folga aos domingos, tal como toda a gente, acho eu.

Nick caminhou cuidadosamente junto ao quebra-mar em curva durante algum tempo até que ouviu Jip a ladrar à distância. Das últimas vezes que o tinham visto, o cão andava a perseguir gaivotas e tinha fugido pela costa rochosa. Nick subiu até um ponto de vantagem e chamou o cão, mas Jip tinha corrido para bem mais longe do seu alcance de audição. Colocou as mãos em concha e chamou a irmã.

— Anda, Kate! Rápido! Temos de ir apanhar o Jipper! Ele fugiu!

No final de contas, eles não conseguiram apanhar o Jip rapidamente. Pelo menos, demoraram cerca de uma hora. Sempre que Nick e Kate corriam para o alto de alguma rocha, viam o cão preto a desaparecer para algum covil, longe da vista e da audição. Aquilo não era nada típico do Jip, pensou Nick. Ele nunca o tinha visto a comportar-se daquela forma. Por que razão as gaivotas se tornaram, de repente, numa atração? Tinha de ser qualquer outra coisa, concluiu Nick. Mas o quê?

Por fim, Nick alcançou o cão que andava às voltas de alguma presa num covil mesmo por baixo do sítio onde Nick estava. E a vista era realmente impressionante. O cão dele ladrava, não a uma gaivota, mas a um pássaro grande de cores estranhas empoleirado num bocado de lixo que o mar trouxera. Nick desceu para observar de perto, mal conseguindo acreditar no que os seus olhos viam.

Era, de facto, um enorme pássaro vermelho, empoleirado no alto de uma carcaça de madeira velha, talvez fosse até um papagaio tro-

pical, apesar de isso não ser possível! Estava diante de um pássaro que nunca tinha sido visto naquela ilha. Se calhar, fora desviado do seu curso milhares de milhas para chegar ali! Nick sabia que aquelas criaturas existiam nas selvas fumegantes de África e da América do Sul, mas nunca sonhara em encontrar um daqueles espécimes ali, na Ilha Barba Cinzenta!

Desceu devagar, com medo de assustar o pássaro raro. Ao aproximar-se, viu que o pássaro não tinha medo nenhum. Na verdade, parecia estar a guardar o seu poleiro, um velho baú de bordo meio enterrado na areia à beira-mar. Apenas lixo vindo do mar que tinha dado à costa com a última grande tempestade, ou simplesmente com a corrente. De certeza que ele não tinha visto o baú na semana anterior, e ele andava sempre à caça de tesouros vindos do mar.

Escombros vindos do mar não eram nada fora do normal, mas eram sempre interessantes. A prateleira por cima da lareira no farol era prova mais que suficiente disso.

Mas, vejamos bem. Um baú de bordo antigo que parecia ter sido trazido para a costa quase intacto? Com um pássaro exótico parecido com um papagaio empoleirado em cima dele? Bem, isso era mais do que interessante.

Além disso, especulou Nick, inclinando-se cuidadosamente para espreitar de mais perto, e aquele cadeado envolto em cirrípedes? Não se põe um cadeado daqueles num baú qualquer antigo vazio! Não, não se põe! Claro que a mente dele divagou instantaneamente para ouro, esmeraldas e rubis de piratas. Mas podia não passar do pedaço vazio de lixo do mar que aparentava ser.

Respirando com dificuldade, Kate desceu das rochas. — Que pássaro bonito, Nicky!

Kate, que por acaso tinha algumas migalhas de *muffin* do almoço no bolso da saia, e tinha muito jeito para pássaros, estendeu-as animadamente à fantástica criatura. O pássaro deu uma olhadela rápida à oferta e mudou-se imediatamente para o ombro de Kate. Os olhos de Kate abriram-se de medo, pois o pássaro era quase do tamanho dela e as garras dele magoavam-lhe o ombro.

— Nicky, o pássaro está a aleijar-me o...

CRÁ! CRÁ! Gritou o grande pássaro.

De repente, o seu bico afiado lançou-se em direção à mão dela estendida. Gulosamente, arrancou o petisco dos dedos, e fugiu, regressando à sua posição em cima do pequeno baú. Nick ouviu um gritinho da irmã e correu até ela para ver o que se passava.

— Oh, Nick, olha! — Kate soluçava, com o dedo esticado. Nick viu um fio vermelho de sangue a escorrer da mão de Kate. — Ele mordeu-me, Nicky, o malandro do pássaro! Ele mordeu o meu dedo! — Nick pegou na mão da irmã e examinou a ferida. Não era nada de grave, e Kate mal estava a chorar; mas mesmo assim, a raiva apode-rou-se dele como uma explosão repentina de relâmpago

— Vai-te embora! — gritou Nick, gesticulando com os braços enraivecido com o pássaro. — Se queres morder alguém, morde-me a mim, papagaio! Vai! Vai! Vai-te embora! — Nick pegou numa pedra para atirar à criatura, agora considerada ameaçadora, e também Jip se atirou ao pássaro, a ladrar muito e a mostrar os seus grandes dentes caninos. O pássaro olhou para Nick calmamente durante alguns instantes e depois aconteceu a coisa mais surpreendente.

O pássaro riu-se dele.

Atirou a enorme cabeça vermelha para trás e fez um terrível ruído de cacarejar que pareceu a Nick quase como uma gargalhada humana. Depois foi-se embora, a bater as asas gigantes e a voar para longe a uma velocidade extraordinária. Nick ficou a piscar os olhos contra o Sol, observando o pássaro a desaparecer para lá da Pedra Tumular, já sem ter a certeza do que tinha acabado de ver e ouvir.

Mas ficou com uma sensação estranha de, pela primeira vez na sua jovem vida, ter encontrado algo realmente maléfico.

Kate envolveu o dedo ferido com o seu lenço. Ela parecia já se ter esquecido do papagaio parvo e inclinou-se para puxar o pequeno baú da areia. Não conseguia deslocá-lo, o que foi surpreendente. Não parecia nada pesado. Estava branco com o sal do oceano e tão polido pelo mar como qualquer pedaço de madeira flutuante antiga. Caiu de joelhos na areia para examinar o baú com mais atenção.

— Nicky, olha! — disse Kate excitada. — Tem um nome entalhado no topo!

Nick inclinou-se e varreu um pouco de sal molhado da tampa do baú. As letras, algo gastas, ainda eram legíveis.

CAPITÃO NICHOLAS MCIVER
HMS *MERLIN*
EDIMBURGO

— OH! — exclamou Kate. — Oh, Nicky! Estás a ver o que estou a ver?

— Podes crer que estou — disse Nick, esfregando os dedos lentamente por cima das letras entalhadas. — Este velho capitão e eu temos algo em comum, não temos?

— Sim, têm, Nick, têm ambos o mesmo nome!

E ficaram ambos a olhar para o velho baú do capitão cada vez mais maravilhados. Primeiro o pássaro estranho, agora aquilo.

— Bem, Kate, McIver é um nome bastante comum — disse Nick, desviando dos olhos um incontrolável monte de cabelos da cor da areia. — E Nicholas também é. Mas encontrar um baú com o nosso próprio nome escrito não é típico de um dia de junho, pois não? — Nick inclinou-se para inspecionar o baú mais perto. — Katie, olha isto! — disse ele, usando a mão para retirar algum do sal marinho da tampa. — Isto parece estar em ótimas condições, não parece? Olha, a madeira parece nova em folha! Vês como está brilhante?

Percorreu com os dedos por cima do nome, o mesmo que o dele, entalhado na tampa, e sentiu um formigueiro de excitação penetrante. Ele apercebeu-se que era o mesmo arrepio que sentira quando passara com os dedos por cima das letras “NM” do óculo antigo que estava por cima da sua cama.

— Ajuda-me, Kate — disse Nick. — Tenho uma sensação estranha em relação a este baú! Vamos levá-lo para fora da praia rapidamente. A maré está a subir. Mais uma hora e nunca mais veremos este prémio, que, quase de certeza, está cheio de ouro de piratas! Ou, grandes esmeraldas do Brasil ou de outro lado! Menino bonito, Jip! Parece que encontraste um verdadeiro tesouro para nós, desta vez! — Jip ladrou em aprovação e farejou com atenção o cadeado.

Nick e Kate conseguiram levantar o baú, mas com dificuldade porque era incrivelmente pesado para o tamanho que tinha. Parecia pesar pelo menos o dobro daquilo que o tamanho indicava, pensou Nick, preocupado com o facto de a irmã estar a aguentar o seu lado, especialmente com o dedo ferido.

— Para aquela gruta — disse Nick, reconhecendo a mesma caverna pequena onde ele e Jip tinham esperado que a tempestade passasse uns dias antes. — Há uma saliência lá dentro onde podemos esconder o baú. Pelo menos, enquanto não decidirmos o que vamos fazer com ele. Assim, vai ficar escondido em segurança.

Usando toda a força que tinham, conseguiram transportar o baú para a gruta e levantá-lo para o colocar numa saliência interna. Nick fez um degrau com a mão e Kate arrastou-se para dentro da saliência, seguida de imediato por Jip. Nick, cujos braços eram fortes por remar a sua corveta em direção a casa em vários dias ventosos, conseguiu içar-se facilmente.

Uma luz dourada penetrava profundamente na gruta, e Nick observou o baú de perto pela primeira vez. Era mesmo um baú de bordo dos oficiais da Marinha Real, daqueles que eram usados para guardar os bens pessoais. E estava em ótimas condições. Agora, à luz dos raios intensos, o acabamento da madeira parecia não ter vestígios de ter andado à deriva em águas salgadas há sabe Deus quantos anos! E o cadeado de metal, apesar de estar incrustado de cirrípedes, brilhava em muitas partes. Um truque provocado pela luz?

Nick, que percebia daquelas coisas, acreditava que aquele baú especial, não obstante a sua aparência nova, tinha de ser muito antigo. Aquele tipo de baú era do tempo de Nelson. Devia ter cerca de cento e cinquenta anos! Mas como é que a madeira e o metal tinham conseguido manter-se naquelas condições?

Nick pensou nas possibilidades. Obviamente que o baú podia ter estado guardado em terra seca durante aqueles anos todos e só recentemente é que fora atirado ao mar. Mas porquê? E mesmo assim, o baú devia estar mais deteriorado, não devia? Certamente mais do que realmente estava.

O Sol reduzira-se para um palmo de largura visto ao longe no horizonte, e estava do lado oposto da entrada da gruta. Agora, o novo

esconderijo de Nick e Kate inundara-se de raios brilhantes de luz vermelha-dourada. Nick usava a espincha para extrair com cuidado os restantes cirrípedes do cadeado. Estava demorado e Kate vagueava entre o tédio e a excitação perante a perspetiva da abertura do misterioso baú de bordo. Na verdade, demorou tanto tempo que ela se embrenhou numa conversa imaginária com Jip, planeando uma festa elaborada para todas as suas bonecas, enquanto Nick trabalhava fervorosamente no cadeado.

Passado algum tempo, adormeceu.

Aconteceram duas coisas quase ao mesmo tempo, nenhuma delas boa. Kate, cujos pés estavam pendurados na borda da saliência, acordou de repente com a sensação de água do mar fria a bater-lhe nos tornozelos. Ao aperceber-se imediatamente do que se estava a passar, formou-se-lhe um grito na garganta quando algo ainda mais assustador aconteceu.

O interior da gruta mergulhou na escuridão. E o grito que rebentou da garganta de Kate encheu a escuridão com o terror que ela estava a sentir.

V
Capítulo

A GRUTA ESCURA



• 5 de junho de 1939 •
AO LONGO DA COSTA NORTE

Kate, não te preocupes — disse Nick. — Deve ter sido algum “barba cinzenta” que se mexeu e tapou o Sol na entrada da gruta. — Ele aparentava estar muito mais calmo do que na verdade se sentia. Kate sabia tão bem como ele que a sua pequena ilha tinha aquele nome devido aos repentinos e imprevisíveis nevoeiros que podiam transformar o dia em noite em poucos minutos. — De qualquer maneira, acho que é por isso que não consegue entrar muito sol na gruta até aqui.

— Muito sol? Sol *nenhum!* — disse Katie, e até a voz dela estava a tremer. — Nem consigo ver os meus dedos quando levanto a mão, Nicky! E a gruta está a encher-se de água!

— Não se está a encher de água, é só a maré a subir. Todas as grutas aqui ficam com cerca de 30 centímetros de água quando a maré sobe. Foi por isso que quis pôr o baú na saliência, lembrás-te? O Artilheiro e eu passámos uma noite inteira como esta no verão passado. Dormimos como bebés durante uma tempestade de chuva numa das saliências, secos como paus, mesmo com a maré alta. — Ele riu-se, mas foi um riso vazio, e amaldiçoava-se a si mesmo por ter colocado a irmãzinha numa situação assustadora.

— Não deixo de ter medo, Nicky.

Nick esticou a mão na escuridão da saliência apertada e colocou-a no ombro da irmã. — Não te preocupes, Katie, vamos sair daqui, prometo. Mesmo que não consigamos ver muito bem por causa do nevoeiro lá fora, podemos cheirar a brisa do mar, não é? Respira fundo e segue o teu nariz, é o truque.

— Não cheiro nada nesta gruta velha e malcheirosa além do bafo do Jip — disse Kate. — E também não gosto muito desse cheiro.

— Então, está bem, vamos sair daqui, Kate.

Um ruído agudo de arranhão e uma chama repentina de magnésio a queimar penetrou as trevas. — Ainda bem que temos estes fósforos para nos ajudar a ver para onde vamos, não é? Estás pronta? Quando eu contar até “três”, quero que saltes da saliência. Salta diretamente lá para fora e dobra os joelhos. Cuidado com a cabeça!

— Oh, está bem, se tem mesmo que ser, mas nunca mais volto a pôr os pés nesta gruta velha podre! — disse Kate. Quando Nick disse “três”, ela saltou corajosamente para a corrente estreita de água preta que seguia para a gruta. Ele ouviu-a respirar fundo.

— Anda, Nick! — gritou Kate. — A água está fria. Mas consigo cheirar o mar! É para aquele lado! Vamos!

Quando Nick se preparava para saltar, o fósforo dele apagou-se. Acendeu outro, talvez o último, pensou ele, e com o pé empurrou o baú para o mais longe possível na saliência, interrogando-se se alguma vez o voltaria a ver, quanto mais resolver o seu mistério. Saltou da saliência, colocando a mão em concha em volta do fósforo para o manter aceso.

A água do mar fria batia-lhe nos tornozelos. Ele tinha razão, a corrente noturna estava a subir. Ao ouvir um ruído pulsante pesado por cima dele, levantou o fósforo aceso para ver o que seria. Era apenas Jip, que ainda estava na saliência. — Anda, salta! — gritou Nick, mas o cão não se mexeu. E foi aí que o fósforo dele se apagou. O túnel mergulhou novamente na escuridão. Ele tinha gasto o seu último fósforo.

— Está tudo bem, Kate — disse Nick. — Só temos de seguir os nossos narizes.

— Nicky! — disse Kate. — Que barulho é aquele?

— É só o Jip, a respirar. Ele também está um bocado com medo, acho eu. Anda, salta!

— Não. Não é esse barulho, Nicky — murmurou ela. — Outro barulho. Atrás de nós. Ao longe na gruta.

— Outro barulho? Não ouço nada, Katie — disse Nick, tentando ouvir. Mas, atenção, ele *tinha mesmo* ouvido alguma coisa! Um som lento a gorgolhar das profundidades da gruta. Pareceu-lhe familiar, pensou Nick.

Risos.

— Já ouviste, Nicky? — perguntou Kate, com uma voz trémula. — Está alguém lá atrás, atrás de nós! Parece que se estão a rir!

— Não sejas tola, Kate, isso não é possível — murmurou Nick. — É só o barulho da água a gotejar ali atrás dentro do — o que é aquilo?

Agora, outro som, do interior da gruta. Parecia, pensou Nick, asas a bater pesadamente. E estavam a aproximar-se. Morcegos, disse ele para si mesmo. A gruta devia estar cheia deles.

— Oh! Nicky! Oh! Nicky! Oh! Nicky! Oh! Nicky! — murmurou Kate febrilmente e agarrou-se ao irmão na escuridão negra como breu.

— Está tudo bem, Katie, está tudo bem — disse Nick. — Estamos quase a sair daqui! — Pegou na irmã nos braços e assim que começou a avançar pesadamente na água negra, ouviu-se um enorme salpico mesmo à frente deles!

— Nicky! — gritou ela. — O que é aquilo? O que é aquilo?

E também Nick estava aterrorizado com o grande salpico até ouvir fortes latidos vindos da gruta. — É o Jip! Saltou da saliência e agora cheirou a brisa fresca e está a encaminhar-nos para a saída! Vamos segui-lo até à entrada da gruta! Aguenta-te, Kate, vou correr o mais que puder, por isso põe os teus braços à volta do meu pescoço e, aconteça o que acontecer, não largues!

E Nick, com Katie agarrada nos braços dele, correu o mais depressa que pôde, levantando os pés acima da água gelada, seguindo o som das exclamações altas de Jip à frente na escuridão, até que, por fim, irromperam da entrada da gruta para o ar livre. Ele respirou fundo, ofegando de exaustão, inspirando o ar fresco para

os pulmões. Era quase como respirar água. O nevoeiro, espesso, cobria o covil.

— Jesus! — exclamou Nick, escapando da maré na entrada da gruta para junto de um monte de pedrinhas secas. — Este nevoeiro é um verdadeiro “barba cinzenta”, não é? Foi ele que tapou a maior parte do Sol, vês? Posso pôr-te no chão? Está tudo bem, já podes abrir os olhos. Já estamos a salvo!

— Não é demasiado cedo para estar assim tão escuro, Nick? — perguntou Kate, ao abrir os olhos. — O Jip está a ladrar para quê? — Jip continuava a olhar para trás para a entrada da gruta, a ladrar ferozmente.

— Jip! Anda! Vamos embora daqui! — disse Nick para o cão.

— O que é que está a-a-ali, Nicky? — perguntou Kate, a tremer tanto do medo como da roupa encharcada.

— Morcegos — disse Nick, abraçando-a com força. — Foi o que ouvimos. A gruta toda deve estar cheia deles. — Mas não tinham sido morcegos que eles ouviram dentro da gruta. Alguém, ou mais provavelmente alguma *coisa*, rira lá. E um morcego, tanto quanto se sabe, não tem sentido de humor.

— Já podemos ir para casa? — perguntou Kate, puxando-lhe a manga. — Tenho mu-muito frio.

Com frio e assustado, Nick sabia que faltavam léguas até ir dormir e deitar-se numa cama quente. E a sua pobre mãe novamente sem saber onde eles estavam. Pegou na mão da irmã.

— Por aqui — disse ele, subindo uma saliência perto deles que se parecia dirigir para cima.

E assim o pequeno grupo seguiu caminho, molhados e com frio, subindo os degraus escorregadios do lado da encosta rochosa. À medida que se aproximavam do topo da encosta, o nevoeiro cinzento tornava-se cada vez mais irregular, e, para aumentar o seu desconforto, misturava-se com uma chuva oblíqua pesada.

Por fim, ao chegarem ao topo, seguiram pelo promontório rochoso. Nick tentou ignorar a chuva cortante e concentrar-se no mistério que tinham descoberto na gruta arenosa. O facto de o baú parecer tão novo e, por coincidência, ter o próprio nome dele já era demasiado curioso. Mas o pássaro grande vermelho, também ele era

um mistério. O que é que uma criatura como aquela estava a fazer nesta pequena ilha? Era mais do que estranho. E agora, ao caminhar com dificuldade pelos campos molhados pela chuva, cansado e frio até aos ossos, confrontava-se com o que o perturbava desde que tinham saído da gruta.

O riso na gruta. Ele já o tinha ouvido antes. Tinha saído da boca do papagaio vermelho que estava sentado no baú de bordo!

Quando chegaram à estrada junto à costa, Nick tomou uma decisão.

— Vamos parar na casa do Artilheiro, Kate — anunciou ele. — De certeza que ele tem a lareira acesa numa noite como esta e acho que nos dava jeito alguns cobertores quentes e uma chávena de chá.

Assim, na bifurcação da estrada, o pequeno trio, liderado por Jip que corria à frente, virou a leste até à Estalagem Barba Cinzenta, em vez de seguir para norte pela estrada junto à costa até ao farol e até casa. Apesar de estarem atrasados, e de ele ter certamente perdido o jantar novamente, Nick decidiu que a sua trémula irmã precisava de algumas roupas quentes e um chá quente.

Iria acabar por ser uma decisão infeliz.

VI

Capítulo

BILLY SANGVE



• 5 DE JUNHO DE 1939 •

NA ESTALAGEM BARBA CINZENTA

Um brilhante desfile de luzes pincelava o promontório rochoso, indicando a antiga estalagem ao perto e o Farol Barba Cinzenta ao longe. Nick ansiava pelos confortos de uma lareira e da sua casa, mas a irmã estava gelada até aos ossos e a tremer imenso. Um enorme trovão rugiu através das nuvens negras baixas e por toda a planície.

Ele já conseguia imaginar o calor das lamparinas a óleo nas janelas do andar de cima na estalagem e, colocando o braço em volta dos ombros da irmã, apressaram-se a subir a última ladeira. A estalagem não era a sua casa, mas era uma casa.

Nick empurrou a pesada porta de madeira e, como esperava, viu uma sala iluminada apenas pela lareira. Uma verdadeira maravilha, brilhando abertamente na sala de estar pública da antiga estalagem, cujas chamas lambiam todos os cantos do local ancião. A chuva batia num ritmo constante contra as vidraças e os relâmpagos de luz irregulares iluminavam os vidros do lado de fora.

Nick viu duas figuras desconhecidas em frente à lareira. Uma delas, um fulano alto com uma capa escura, estava em pé com uma bota levantada junto da lareira olhando para os recém-chegados num silêncio taciturno. Estava a fumar um comprido cachimbo de osso e segurava uma garrafa de rum numa mão. O seu companheiro

estava sentado curvado na sombra, uma presença sombria para lá do alcance da lareira. Desconhecidos, na Ilha Barba Cinzenta? Aquele era um dia cheio de estranhas ocorrências, pensou Nick, não havia a menor dúvida disso.

— Menino Nicholas! — exclamou o Artilheiro, saindo de trás do bar para abraçar Kate, depois Nick, e depois Jip. — Deus vos abençoe, crianças! Mas vocês estão molhados até aos ossos, meu Deus! Vocês não deviam andar lá fora numa noite como esta! Nem sequer neste bar cheio de espíritos alcoólicos! Vão para a sala de estar, agora, antes que eu perca a minha paciência! Cobertores! — exclamou ele, e apressou-se a subir a escada estreita de madeira, certamente em busca de cobertores, pois Nick conseguia ouvi-lo a gritar a palavra ao subir a escada, como se pudesse chamar um cobertor de lã para vir a correr como um cão.

— Crianças! — gritou ele do cimo das escadas. — Podem subir e ajudar um velhote cego a encontrar os cobertores quentes e acolhedores?

— Estamos a caminho! — gritou Nick. Pegou na mão de Kate e apressou-se a subir a escada, com uma expressão baralhada na cara. De certeza que o Artilheiro sabia onde estavam os cobertores, no mesmo sítio onde sempre haviam estado, enfiados, ao fundo do corredor, na prateleira de cima do armário juntamente com a roupa de cama. Ou nas camas num dos quartos de hóspedes.

Quando chegaram ao último degrau da escada, Nick viu o Artilheiro de pé no corredor às escuras, com uma lanterna na mão. Tinha o dedo indicador diante dos lábios, fazendo-lhes sinal para ficarem calados.

— Xiuuu — disse ele. — Tenho de falar consigo a sós, Menino Nick.

— O que foi, Artilheiro? O que se passa?

O Artilheiro ignorou a pergunta e disse: — Katie, minha querida, seja um anjo e vá para o Quarto Azul. Acho que deixei os meus cobertores lá.

Nick olhou atentamente para o seu velho amigo. Este comportamento sigiloso não era nada típico nele. Observou a irmã a atravessar a entrada e entrar no último quarto à direita, o Quarto Azul.

— Algo de errado se está a passar, Artilheiro — disse ele. — Conte-me.

O Artilheiro, o proprietário da estalagem, era indubitavelmente a figura mais querida na vida de Nick além da sua própria família. O Artilheiro tinha muita coisa que atraía Nick, mas acima de tudo era o seu jeito energético de falar quando estava entusiasmado que Nick achava muito engraçado, e a sua aparência e comportamento no geral, que fazia sempre com que Nick pensasse num Pai Natal que tinha passado a vida num barco. A cara dele estava gasta e parecia ser de couro devido aos anos passados no mar, mas os seus brilhantes olhos azuis ainda tinham uma pureza cintilante, como se o vento e o mar nunca tivessem conseguido afetá-los.

O Artilheiro tinha uma barba farta e branca como a neve que emoldurava as suas bochechas rosadas, e uns pequenos óculos de metal dourado que escorregavam sempre para a ponta do nariz. Ao olhar para ele, nunca diríamos que tivesse passado a maior parte da sua vida atrás de uma arma naval de trinta centímetros. Ou que ele afundara mais do que uns poucos submarinos alemães com essas armas durante a Primeira Guerra Mundial. Para Nick, que adorava o mar, as histórias emocionantes do Artilheiro, repletas de aventuras navais, eram a cereja no topo do seu bolo preferido.

Foi então que o Artilheiro se inclinou pela cintura e aproximou os lábios do ouvido de Nick.

— Tenha cuidado com aqueles dois lá em baixo, rapaz, e mantenha-se alerta.

— Quem são eles? O que fazem aqui? — interrogou Nick.

— São realmente umas visitas estranhas. Não quero assustar a sua irmã. Mas posso dizer que vieram à procura de alguma coisa nesta ilha. Algo que dizem que lhes pertence por direito. Estão aqui para reclamar um bem perdido, é tudo quanto sei, rapaz. Tenha cuidado, é só isso. E, mais uma coisa. Eles...

Naquele momento, Kate voltou, arrastando dois cobertores de lã atrás de si.

— Um chá agora sabia bem — disse, sorrindo para o Artilheiro e descendo os degraus, arrastando os cobertores no seu encalço.

— Não tenha medo, Nick, vamos despachar estes dois diabos em três tempos — disse o Artilheiro, seguindo Nick pelos degraus.

O Artilheiro embrulhou-os como dois pequenos índios e sentou-os lado a lado no banco mais próximo da lareira. — Ó, Sangue! — disse ele, aconchegando-lhes os cobertores e acenando para o homem da capa escura. — Perdão, Sangue! Ah! Ah!

— Sangue? — perguntou Nick, que estava habituado às peculiaridades vocais do Artilheiro. Mesmo assim, achou a referência a “sangue” incompreensível, e deu por si a olhar para baixo para o seu cobertor para ver se se teria cortado. — Que sangue, Artilheiro? — Viu uma mancha vermelha no chão e aproximou-se dela, mas era apenas uma pena estranhamente grande.

Uma pena vermelha.

— Está aqui o Sangue, rapaz — soou uma voz arrepiante do interior da capa.

O desconhecido esboçou um sorriso forçado para Nick. A sua aparência era realmente estranha, quase como uma aparição, especialmente ali no calor familiar da velha estalagem. Entre os seus dentes amarelos, apertava um comprido cachimbo branco-amarelado entalhado numa espécie de osso. Usava a capa preta por cima de uma camisa escarlate e umas calças também elas pretas com um aspeto estranho enfiadas numas bonitas botas altas. Nick supôs que muitas pessoas deviam considerar o fulano bonito, com os seus traços delicadamente esculpidos, o seu cabelo ruivo-escuro apanhado atrás com uma fita de cetim preta — mas para Nick, ele não parecia bonito. Para Nick, ele parecia, e teve de procurar a palavra — *errado*.

— Sim, sim, aqui está o velho Sangue — disse o desconhecido naquela voz musical. Teria sido arrepiante se não fosse tão perturbadoramente melodiosa. — E aqui está o meu companheiro Olho de Cobra. Se fosse a ti, deixava-o em paz — disse Sangue, lançando um olhar de aviso a Kate.

Mas Katie não conseguia desviar os olhos da outra figura sombria. Ocasionalmente, quando as chamas lambiam a lareira, conseguia ver a sua cara estranha antes de ele a desviar. Ela tremia só de o ver, chegando à conclusão de que ele fora terrivelmente marcado

com cicatrizes ou que a cara dele estava coberta com as mais horríveis tatuagens.

Sangue puxou a cadeira para a frente na direção de Nick. Levantou-se até meio, fixando os seus olhos âmbar-negros em Nick com tanta força que este quase os sentia a empurrá-lo, como a Lua à maré. Também se ouviu um som estranho de tilintar quando o homem se levantou da cadeira, e Nick estava pasmado ao ver que a barba vermelha estava cheia de tranças, e que cada trança comprida estava presa com uma pequena caveira de prata! Caveiras vazias de prata que batiam umas nas outras musicalmente sempre que o desconhecido mexia a cabeça ou abanava a barba!

— O meu nome é William Sangue — disse o homem, com um tilintar de sinos. — Mas pessoas como vocês podem chamar-me Billy. — Desenhou os lábios finos formando uma espécie de sorriso e observou Nick e Kate com uns olhos pretos pesadamente tapados. — Não se querem juntar à nossa festinha? — Chupou o seu osso e assoprou uma nuvem de fumo amarelo nojenta na direção de Nick. De seguida, o desconhecido prendeu a bota por baixo do banco onde as crianças estavam sentadas e puxou-o para si. Um arrepio percorreu o corpo de Nick enquanto olhava para o cachimbo do homem. Era mesmo um osso, e assemelhava-se a um que vira nos livros de *Anatomia da mãe*.

Anatomia humana!

— Vocês parecem estar gelados, marinheiros. Querem um bocadinho de rum? Um grogue antigo, meus amigos, com mais de duzentos anos.

A voz de Sangue era mesmo estranhamente musical, mas não era uma música bonita, pensou Nick. A voz dele era, provavelmente, *oposta* à música. Ele estendeu a garrafa aberta de rum a Nick, com os olhos negros a brilhar.

Olhos que se reduziram instantaneamente a uma brecha quando Nick pôs a mão na boca da garrafa que lhe foi oferecida.

— Muito simpático, senhor — disse Nick, olhando calmamente para o desconhecido. — De verdade. Mas o nosso amigo Artilheiro tem uma chávena de chá quente preparada para nós. Além disso,

“marinheiros” — como a minha irmã e eu — não têm autorização para beber bebidas espirituosas. Mas agradecemos-lhe imenso a oferta.

Sentindo-se claramente desconfortável na presença do homem, Nick virou-se para o Artilheiro que estava ocupado a secar o pelo de Jip em frente à lareira. — Artilheiro, podes emprestar-nos uns impermeáveis para a viagem para casa até ao farol? Tenho a certeza que os nossos pais estão preocupados. Devíamos mesmo ir andando, não achas, Katie?

— Farol? — sorriu Sangue, com a voz cheia de simpatia simulada.

— Vivemos no farol, Sr. Sangue — disse Kate. — Tem dois mil anos!

— Encantador, uma verdadeira ruína — comentou Sangue. — Aqui o meu amigo Olho de Cobra é um conhecedor de antiguidades, vejam como ele próprio já tem mais de duzentos anos. Nós os dois temos que vos visitar um dia destes, minha filha — disse ele, e Kate arregalou os olhos.

— Os meus pais provavelmente já estão muito preocupados, Artilheiro — intercedeu Nick rapidamente. — Estou outra vez atrasado para jantar e, desta vez, arrastei a Kate comigo — disse Nick, olhando nervosamente para Kate. Mas a irmã não lhe prestou a mínima atenção.

— Posso contar ao Sr. Sangue que encontrámos um baú de bordo, Nicky? — perguntou Kate. — Na Pedra Tumular?

Nick tentou silenciá-la, assim que ela começou a falar. Lançou um olhar sério à irmã, mas não tinha a certeza de que ela o interpretara corretamente. A Kate era incrivelmente esperta, mas tinha apenas seis anos e meio. Ainda estava a aprender “olhares” e a forma como eles substituíam as palavras não proferidas.

— Encontraram um baú de bordo, foi, querida menina? — sorriu Billy Sangue. — Gosto disso! O meu velho papagaio Ossos contava-me uma história dessas, precisamente antes de vocês, marinheiros, chegarem. Ele também viu um baú! Seria o mesmo que vocês viram?

Ele estava inclinado diretamente à frente de Kate, com os lábios puxados para trás naquilo que deveria ser um sorriso e com os olhos

negros presos nos dela. Um fio fino de fumo escapou dos seus lábios finos, e Katie viu que os dentes amarelados dele eram muito grandes. Ela afastou-se para trás, instintivamente. Nunca tinha conhecido na vida dela um homem mau. Simplesmente, não havia nenhum na Barba Cinzenta e ela nunca tinha saído da ilha.

Mas ela tinha ouvido a mãe dela descrever homens maus em histórias e o Sr. Sangue e o seu amigo assustador certamente que se enquadravam na descrição. Até o próprio ar à sua volta parecia errado, até a luz. Errado. Mau.

— E que tipo de baú é esse, querida? — questionou Billy Sangue.

— Oh, meu Deus, é... — começou Kate, e parou, apercebendo-se do que tinha feito. Olhou para Nick à procura de ajuda.

— Ela disse baú de bordo? — disse Nick rapidamente. — A minha irmã tem uma imaginação muito fértil, lamento. Não era um baú. Não, não era um baú, era apenas um monte de madeira e um cadeado enferrujado velho. — Fez o seu melhor sorriso a Sangue e viu os olhos pretos ficarem frios.

— Já agora, referiu um papagaio, senhor? — perguntou Nick, observando a pena vermelha grande na mão dele e desesperado por desviar o assunto do baú. — Um papagaio vermelho? Se referiu, peço-lhe que não deixe aquele malvado pássaro aproximar-se da minha irmãzinha porque...

— Caluda! — rosnou Sangue. — Não te atrevas a falar assim comigo! Vou comer os teus malditos olhos ao jantar! E o Olho de Cobra a tua língua. Ele gosta de línguas.

Sangue, de repente, encostou-se para trás e olhou para o rapaz em silêncio, observando intencionalmente Nick com uns olhos semicerrados. E Nick conseguia vê-lo a tentar decidir se aquela amostra de gente se assustava com facilidade. Nick devolveu o olhar frio de Sangue, apesar de, na verdade, o homem ser terrivelmente assustador e o coração de Nick estar a saltar-lhe pela boca. Retribuir a ameaça pareceu demover o homem, e ele não disse mais nada.

O silêncio manteve-se, suspenso pesadamente por cima das suas cabeças. Nick reparou que Katie estava contentada a olhar para os sapatos, enquanto Jip observava Olho de Cobra, rosnando baixinho.

Bem, se Sangue queria realmente assustá-los, não adiantava nada deixá-lo levar a sua avante, pensou Nick; pois, apesar de esta ter sido a primeira personagem verdadeiramente suspeita que ele encontrara pessoalmente, já, muitas vezes, se encontrara com muitos como ele nas páginas dos livros que enchiam a biblioteca do farol. Então, eles eram assim na vida real, pensou ele, os homens maus, os papões que assombravam os seus sonhos.

— *Não era um baú* — disse Sangue, por fim, numa imitação perversa da voz de doze anos de Nick. — Não era um baú, dizes tu? — Inclinou a cara na direção da de Nick tal como fizera a Kate, e Nick conseguia sentir o cheiro de rum amargo ou tabaco ou pior vindo do seu bafo. — Se não era um baú, então era o quê, meu querido rapaz? Conta-me, rapazinho, que vais ver que o Billy Sangue tolera pouco segredos. E o velho Ossos nunca mente. Nunca.

— Chá! — exclamou o Artilheiro, apressando-se e colocando o tabuleiro na lareira. Nick sentia-se bastante confortado tanto pelo calor do líquido como pelo reaparecimento do seu amigo. O Artilheiro era imensamente forte, tendo passado muitos anos a dominar o estranho jogo de lançar enormes toros — árvores, na verdade — sem parar à maneira escocesa. Ele era completamente devotado a Nick e à irmã, e Nick sabia que ele morreria antes de permitir que alguém os magoasse ou que um desconhecido os maltratasse.

— Senhor, acho que — disse Nick, olhando calmamente para o desconhecido por cima da borda da chávena de chá — outrora, poderia ter sido um baú, mas aquilo que encontrámos foram umas tábuas rudimentares da estrutura. — Nick esboçou o seu melhor sorriso. — Tudo o que encontrámos foi um bocado de lixo vindo do mar. Nada mais que isso, senhor.

Naquele momento, um ruído longo parecido com um assobio saiu dos lábios do fulano chamado Olho de Cobra, mas ele não disse mais nada. Na perspetiva de Nick, era claramente altura de se irem embora. Levantou-se e pegou na mão de Kate.

— Os nossos pais provavelmente estão preocupados connosco, Sr. Sangue, por isso acho que vamos andando para casa. A tempestade amainou também, não foi? É assim o tempo da Barba Cinzenta! Pronto, acho que vamos embora e, Artilheiro, se pudermos levar

aqueles impermeáveis, já não vos incomodamos mais, gentis cavalheiros, pois não, Kate?

Nick levantara Kate por um braço e dera um valente empurrão a Jip com a ponta da bota.

Billy Sangue virou-se na cadeira e olhou para eles friamente. — Vão para o farol, não é?

O Artilheiro ajudou-os a vestir os impermeáveis. — Levo-vos a casa, Menino Nick? — murmurou ele, lançando um olhar por cima do ombro a Billy Sangue. — Estranhos estes dois, não são?

— Quem são eles? — murmurou Nick, olhando por cima do Artilheiro para Billy Sangue. — De onde vieram?

— Vêm de lugar nenhum, é de onde eles vêm! — Disse o Artilheiro num murmúrio lancinante. — Fui à cozinha por segundos, e quando voltei, aqui estavam estes dois demónios, aconchegados junto à lareira! Não ouvi a porta, nem o vento, nem nada de nada. Eles simplesmente apareceram do nada! Nunca vi nada assim. Acho que vos devia levar a casa, Nick, sinceramente, acho.

— Nós ficamos bem, Artilheiro — disse Nick, reduzindo a voz para um murmúrio ainda mais baixo. — Mas, se calhar, podemos encontrar amanhã? Encontrámos uma coisa na costa. Uma coisa para a qual eu preciso da sua ajuda o mais rápido possível.

Virou-se para se despedir do desconhecido, mas Sangue virara as suas costas e estava novamente a olhar para o fogo, soprando no seu longo cachimbo de osso, com as coroas de fumo nebuloso suspensas por cima da cabeça dele como nuvens amarelas doentes. Era um pouco mais perturbador do que se Nick tivesse visto a cara dele.

— Sim, até amanhã, rapaz. E, com estes dois por perto, hoje, vou dormir com pesada artilharia. Se calhar, até coloco o Velho Trovão debaixo da minha almofada! — acrescentou o Artilheiro, murmurando-lhe ao ouvido.

— Velho Trovão? — Nick pensou ter ouvido Billy Sangue perguntar ao fechar a pesada porta atrás deles. O rapaz sentiu um arrepio diretamente até à medula. Era impossível o homem ter ouvido aquilo que o Artilheiro murmurara. Nem pensar! Nick parou junto à janela riscada pela chuva, pôs-se em bicos de pés e espreitou lá para dentro. Sangue e o seu silencioso companheiro já se tinham ido em-

bora. As cadeiras junto à lareira estavam vazias, os desconhecidos tinham-se evaporado como fumo pela chaminé!

— Acreditas em piratas, Nicky? — perguntou Kate, juntando a sua pequena mão à do irmão, muito maior, quando chegaram à estrada. — Eu acredito.

— Piratas? Não, claro que não. Toda a gente sabe que já não existem piratas, Katie — disse Nick, fazendo festas na sua pequena cabeça. Estava contente pelo facto de a sua irmã não poder ver a cara dele, pois os seus olhos certamente que não demonstravam a convicção dos seus lábios. — Nada disso.

De seguida, as duas crianças foram para casa, enquanto o Farol Barba Cinzenta lançava grandes punhados de luz no nevoeiro que se levantava e Jip corria à frente deles, indicando o caminho, todos eles ansiosos por chegar a casa e ir para a cama.

VII

Capítulo

DVAS CARTAS TERRÍVEIS



• 6 DE JUNHO DE 1939 •

Nº FAROL BARBA CINZENTA

Para o convés, Katie! — gritou Nick. Espreitou para dentro do seu quarto favorito no velho farol. Já tinha sido o seu quarto, mas agora a maravilha de painéis de mogno envernizados, arredondados de forma a acompanharem as paredes do farol como se de um casco de navio se tratasse, pertencia à sua irmã. Até tinha vigias de latão que abriam em direção ao céu. Um mestre de carpintaria criara-o há um século, e era uma recriação dos quartos de uns antepassados de McIver a bordo de uma fragata da Marinha Real.

Até àquele dia, não existiam nenhuma luzes elétricas no quarto, apenas velas e lamparinas a óleo penduradas nas paredes. Até a cama era um beliche de um navio, forrado com pesadas cortinas de veludo. Apenas a alegria óbvia de Kate por aquele quarto mágico fazia com que Nick ficasse contente por lho ter cedido. Ele subiu os três degraus da pequena escada até à cama e abriu o veludo verde-escuro.

— Bem-vinda a bordo! — Nick riu e inclinou-se de forma a sussurrar ao ouvido da sua irmã. — Hoje é um dia para segredos, planos secretos, e segredos secretos!

Viu os olhos de Kate despertarem, de repente, do sono, e um enorme sorriso começar a formar-se na sua cara pequena e ainda

ensonada. Se existia algo de que ela gostasse mais do que bonecas de trapos e bolos com açúcar, era um plano repleto de segredos!

— Segredos? — perguntou ela, sentando-se e esfregando os olhos para afastar o sono. — Que tipo de segredos? O baú? Nicky, nem à mamã podemos contar acerca do baú e daqueles malvados piratas?

— Nunca! — disse Nick, caindo sobre a sua antiga cama, para ver se o enchimento em penas de ganso ainda tinha a mesma resistência. — Não entendes? Esta é a *nossa* aventura, Kate! E se lhes dissermos, será a aventura *deles*! Ou ainda pior, nem sequer *será* mais uma aventura. Será apenas mais uma coisa que os adultos irão resolver por nós!

— Sendo assim, — suspirou Kate, — podemos ao menos contar ao Artilheiro?

— Claro que sim! — disse Nick, rindo-se à medida que saltava da cama. — Podemos dizer tudo ao Artilheiro. Só porque ele é velho, não significa que seja um adulto! Vá, vamos!

Desceram, às voltas e voltas, voaram do topo para o fundo da escadaria estreita e sinuosa, indo cair ligeiramente no fim das escadas da enorme cozinha soalheira. Da enorme janela panorâmica num dos lados da lareira da cozinha, era possível ver o promontório e o mar ao fundo. Nick e Kate sentaram-se nos bancos almofadados acolhedores, que se curvavam no interior da janela. Estavam cobertos de almofadas em ponto cruz que a Sra. McIver bordara durante as longas noites de inverno. Cada almofada tinha um dito, mas a favorita do Nick era a que continha as últimas palavras do Almirante Nelson: *Graças a Deus cumpro o meu dever.*

Nick observava o seu pai no promontório, olhando para o mar, apoiando-se sobre a sua bengala favorita, com o seu velho cachimbo de urze no canto da boca, bafejando pensativamente. Nick já o tinha visto assim inúmeras vezes, mas mesmo assim não deixou de achar estranho que ele estivesse ali àquela hora da manhã.

A luz pura do Sol matinal que entrava pela janela da cozinha era como fogo no cabelo amarelo-dourado da mãe de Nick. Pensando como era bonita enquanto cortava as rosas no lava-loiça, apercebeu-se, de repente, de que algo estava errado, terrivelmente errado.

Embora ela estivesse em silêncio, a posição da sua cabeça e o tremer dos ombros dizia-lhe que ela poderia estar a chorar. Pensou que nunca a tinha visto chorar, exceto na noite em que a febre de Kate era tão alta que quase a matara.

Nick aproximou-se imediatamente dela e viu as rosas esmagadas e partidas a seus pés.

— Mãe? Que se passa, mãe? — perguntou Nick, colocando a sua mão no ombro dela. Ela olhava fixamente para o seu marido, com os olhos cheios de lágrimas que não deixava cair.

— O vosso pobre pai recebeu uma carta esta manhã, Nick — disse ela, com os olhos fixos na janela. — Acho que já és grande o suficiente para a leres. — Do bolso do seu avental retirou um espesso envelope em papel de pergaminho creme com um selo ministerial dourado em relevo e uma morada de London Whitehall. Nick pegou nela, e um receio sem nome assolou-lhe a mente.

O que quer que estivesse lá dentro não era bom.

— Ah, Nick! E isto também — disse ela, retirando outro envelope do bolso. — É para ti. Não sei de quem será, talvez de um amigo da escola, possivelmente uma partida. Não veio pelo correio.

Voltou a colocar a sua mão no avental e retirou algo claro e brilhante do bolso.

— Encontrei a carta presa à nossa porta da cozinha com este gracioso utensílio. — Com um suspiro de repulsa, lançou uma faca, com um aspeto sinistro, para o balcão, que fez barulho ao cair.

Era um punhal! Duas palavras vieram rapidamente à cabeça de Nick.

Billy.

Sangue.

— Deita fora essa arma horrível, Nick! Não a quero na minha casa!

Nick enfiou o punhal bem fundo no bolso do seu casaco, longe da vista dela. Em seguida, analisou o segundo envelope endereçado a ele, em papel azul fino, virando-o sobre as mãos. Estava endereçado na frente numa caligrafia muito trabalhada a “Menino Nicholas McIver, Farol Barba Cinzenta, Ilha Barba Cinzenta”, e no verso tinha lacrado em cera vermelha as iniciais W.S.

O seu coração bateu forte. *William Sangue*, ele sabia! Colocou rapidamente a carta no bolso das calças.

— Nick, lê a carta do Ministério dirigida ao teu pai — disse-lhe a mãe. — E depois vai ter com ele. Eu fiz tudo o que podia. Ele sabe que o amo com todo o meu coração e que ultrapassaremos juntos este período horrível. Ele está principalmente preocupado contigo e com a Katie. Mostra-lhe como és um rapaz forte, Nicky. Ele precisa de ti.

Nick abriu a carta do Ministério da Navegação Costeira. Era do Departamento do Governo que detinha e controlava todos os faróis na Grã-Bretanha, nas suas costas e ilhas principais. Era do próprio Ministro. Nick passou rapidamente os olhos pela carta, fixando-os na parte final.

Chegou à atenção do Ministério que alguns funcionários, que guarnecem as bases tanto costeiras como da Ilha do Canal, têm participado em certas atividades fora do âmbito das suas competências. Tais atividades, que podem ser vistas como atos hostis para com as nações aliadas, estão em violação direta dos estatutos de diplomacia internacional de Sua Majestade e estão expressamente proibidas por carta do Ministério. Assim sendo, lamentamos informá-lo de que está, após receção desta carta, dispensado dos seus deveres. Os funcionários que cometeram as infrações e as suas respetivas famílias serão realojados no continente às custas do Ministério. Contudo, as suas obrigações para com o Ministério terminarão formalmente à meia-noite do dia 31 de Dezembro. Incluídas nesta diretiva encontram-se as seguintes bases:

AS ESPIRAIS.
FAROL PIPA.
FAROL BARBA CINZENTA.

Como poderia alguém escrever uma carta tão fria e terrível? Especialmente a alguém como ao seu pai, que dedicara toda a vida

ao Ministério? Era mau de mais, não apenas para a família de Nick. Será que não entendiam a importância que cada farol do país iria ter, devido à sua localização, especialmente o Farol Barba Cinzenta? Será que o tio Godfrey sabia disto? E o Sr. Churchill? Não deveriam saber, apercebeu-se Nick, porque nenhum iria autorizar o envio desta carta.

Os funcionários e respectivas famílias serão realojados no continente.

Nick olhou para cima, os seus olhos fixados nos da mãe. — Realojados? Mãe, isto quer dizer que...

— Vai ter com o pai, Nicky — disse ela, com a tristeza nos olhos a dar lugar a uma decisão irada. — Diz-lhe que a mãe foi até à Estalagem Barba Cinzenta tratar dos preparativos necessários com o Artilheiro. Diz-lhe o quanto o amamos, independentemente de tudo. Ele precisa de ti, Nicholas.

Em seguida deu-lhe um beijo na testa, pegou-lhe na cara com ambas as mãos e virou-a para si. — Chegou o momento do meu rapaz corajoso — disse ela, saindo rapidamente pela porta da cozinha, com os olhos cheios de lágrimas de revolta e tristeza.

A vida de Nick, momentos antes cheia de uma excitação borbulhante, acabara de se desmoronar à sua volta. Sentiu as suas próprias lágrimas quentes a surgirem e conteve-as, pois tudo o que estava a perder assemelhava-se a imensas fotografias que iam desaparecendo rapidamente. A sua casa, o glorioso Farol Barba Cinzenta coberto de rosas, o seu quarto, a sua janela sobre o mar. O seu barco à vela, o Artilheiro e a estalagem, e o final do dia quando o céu a oeste ficava vermelho... Parou. Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e então, amarrotando a amarga carta na sua mão, correu porta fora em direção ao pai.

Tropeçou uma vez no solo rochoso, mas, de alguma forma, conseguiu evitar a queda até chegar junto do pai, agarrando-se com força à sua camisa caqui usada, a única que sempre usara, com os pequenos buracos no colarinho, onde outrora estavam as suas asas de prata da FAR.

— Vamos ser realojados? E então o nosso trabalho secreto para o Sr. Churchill, pai? — gritou Nick. — De certeza que o Sr. Churchill não vai deixar que isto nos aconteça, pois não? Quem é que vai ficar de olho por ele em todos aqueles navios nazis? — Mas Nick soube, imediatamente depois de falar, que era uma coisa estúpida de se dizer. O trabalho deles era *secreto*.

O seu pai nunca poderia envolver Churchill ou pedir-lhe ajuda. Isto era uma decisão do governo e o Sr. Churchill estava em guerra com o governo! O que é que eles podiam fazer? O que *podiam* fazer?

O seu pai nada disse e nem sequer tirou os olhos do mar. Nick agarrou-lhe na mão e pressionou-a contra a sua cara. Mesmo assim o seu pai não lhe prestou qualquer atenção; possivelmente por estar tão absorvido pelos próprios pensamentos, nem reparou na presença do filho.

— O que é que devemos fazer, pai? Vão tirar-nos o Farol? Vamos ter de deixar a ilha? — Ele lutava para afastar o choro da sua voz. — Não temos para onde ir, pai. Esta é a nossa casa. A nossa única casa. Eu nasci nesta casa, e a Katie também. Não conhecemos outra vida, não é? — Ele queria mostrar-se forte, conforme a sua mãe lhe tinha pedido, mas não era suficientemente corajoso para tal.

Chorava agora baixinho, simplesmente não conseguindo conter as lágrimas.

— Não nos podem tirar a casa, pai, não podem! Não os vou deixar! Vou lutar contra eles, vão ver! Façam o que fizerem, nunca hei de deixar esta casa, terão de me matar primeiro, terão...

Chegou o momento do meu rapaz corajoso.

O pai apertou-o com força, as suas mãos fortes ajudaram Nick a encontrar a sua própria força.

— Nick, isto não vai ser fácil para nenhum de nós — disse com calma. — Tens de tomar conta da Kate durante uns dias. A mãe e eu vamos até Londres no barco que parte ao meio-dia. Vamos ficar um tempo com o tio Godfrey em Cadogan Square. Vamos pedir ao Artilheiro para tomar conta de vocês enquanto estivermos fora. Ficarão hospedados na estalagem até nós regressarmos, e vão passar um tempo agradável. Vai correr tudo bem, rapaz.

— A mãe saiu agora para ir ter com o Artilheiro, pai. Ela disse-me para te dizer que foi tratar dos preparativos. Eu-eu não percebi o que ela queria dizer com isto.

— Ainda bem. Ela queria ficar aqui com vocês, mas eu preciso dela em Londres, Nick. Vou visitar pessoalmente o Sr. Churchill em Chartwell. A tua mãe vai ver se existe alguma maneira de o teu tio Godfrey nos ajudar. Talvez criar alguma pressão no Número Dez de Downing Street. Com a guerra a aproximar-se, estes encerramentos são um grave erro. O nosso trabalho secreto aqui para o Sr. Churchill é vital para o país. Iremos encontrar uma solução, mas pode demorar algum tempo. Talvez uma ou duas semanas.

O pai virou-se, colocou ambas as mãos nos ombros de Nick, e olhou-o diretamente nos olhos, ignorando as lágrimas que lhe caíam do rosto.

— Eu sempre soube que um dia poderia receber uma carta destas. Mas eu sempre fiz o que tinha de fazer. És um rapaz valente, Nick. Conto contigo, filho. — E puxou-o para um breve abraço; depois sorriu e disse: — E o Sr. Churchill também é. Ele tem de tomar conhecimento de tudo o que conseguirmos descobrir acerca destes submarinos, Nick. Tudo!

— Sim, pai. Claro!

— E preciso desses dois olhos fortes na água, não é verdade, Nick? Hoje, e todos os dias, até eu resolver esta situação terrível e voltar para casa. Aconteça o que acontecer, temos sempre de fazer o que for melhor para o país.

Foi então que o pai o largou e seguiu para dentro de casa. Nick permaneceu imóvel, a sua mente desesperadamente procurando uma maneira, qualquer maneira, de ajudar a sua família a evitar aquele desastre, mas a sua mente agora pouco o podia ajudar pois isto eram problemas reais e as suas ideias eram, como ele sabia, apenas ideias de um rapazinho.

Como é que o seu próprio país podia fazer isto ao seu pai? Especialmente a alguém que trabalhava arduamente para o proteger na guerra que se avizinhava? Sentiu mais lágrimas a encherem-lhe os olhos e limpou-as furiosamente com a manga da camisa.

Foi nessa altura que se lembrou da outra carta que trazia no bolso de trás. Quando viu, pela primeira vez, o punhal e o selo de Billy Sangue ficou cheio de medo, mas essa outra carta não poderia conter algo tão assustador como o conteúdo da carta do seu pai. Tirou rapidamente o envelope azul do bolso e abriu-o com uma raiva e violência que não lhe eram comuns. Ainda bem que a fúria de Nick era para com a carta e não para com Billy Sangue.

Sem que Nick visse, uma única pena vermelha saiu por entre o envelope rasgado vindo cair a seus pés.

Leu a carta rapidamente, furiosamente esmagando-a no seu punho, e correu até casa gritando pelo seu cão.

Isto era o que a carta dizia:

Caro Menino Nicholas,

Tem em sua posse um objeto que me é de extremo valor. Não vou fazer nada para o recuperar. Nada! Você sabe o que é, e não o pode esconder de mim. Será meu.

Tenho, também, em minha posse um objeto que lhe é de extremo valor. Estou a falar do seu cão pulguento, que não irá comer ou beber até nos encontrarmos e eu ter o que quero.

Seria possível discutirmos este assunto? Sugiro que nos encontremos na barraca abandonada no Velho Cais Norte pelas 18 horas de hoje.

Atenciosamente Adieu,

LORDE WILLIAM SANGUE

P.S. NÃO SE PREOCUPE COM O SEU CÃO, POIS EU GOSTO DE CÃES. ESPECIALMENTE OS CORAÇÕES E MOELAS. DELICIOSOS!

Sangue

Nick subiu as escadas até ao quarto de três em três degraus. Quando lá chegou e olhou para debaixo da sua cama, Jip tinha desaparecido, assim como Nick suspeitava. Desde o primeiro instante

em que vira Sangue, soube que este não passava de um traste. Capaz de tudo. Tudo!

Chorando compulsivamente, Nick deixou-se cair na cama.

O seu cão desaparecera e não valia a pena procurá-lo, nem na cave, nem no promontório correndo atrás das cegonhas, nem em qualquer outro lugar. Jip tinha desaparecido e o Billy Sangue tinha-o. O que é que o Artilheiro tinha dito na noite anterior? Seria ele um mago ou mesmo um fantasma? Possuiria algum tipo de poderes mágicos? Nick não acreditava muito nestas coisas, mas até ver, ou melhor, *não ver*. O que é que o Artilheiro tinha dito?

Eles apareceram vindos do nada!

Às seis no Velho Cais Norte.

Ele tinha apenas nove horas para encontrar uma maneira de recuperar o seu cão ao Billy Sangue. Sentou-se e afastou as lágrimas de uma vez por todas.

Afinal de contas, não era altura para homens bons estarem de braços cruzados. Não quando havia *retrievers* negros para recuperar e nazis de coração negro e piratas perversos escondidos por aí.

VIII

Capítulo

VM CONSELHO DE GUERRA



• 6 DE JUNHO DE 1939 •

NA ESTALAGEM BARBA CINZENTA

Conselho de Guerra! — dissera Nick e, depois de se despedir dos pais que iam para o continente no barco do meio-dia, as crianças encontraram-se no andar de cima da Estalagem Barba Cinzenta. Katie, o irmão e o Artilheiro estavam sentados à volta de uma enorme mesa de carvalho, num quarto pequeno no topo da estalagem. Chamava-se “Sala de Armas”, porque estava cheia de todo o tipo de armas. Havia bandeiras coloridas de batalhas penduradas no teto, num grande círculo de glória trespassada, entre as quais estavam penduradas inúmeras espadas, lanças e piques de batalha muito antigos.

Kate previra que o irmão usaria qualquer desculpa para convocar um “Conselho de Guerra”. Ele até tinha convocado um quando o gato do Artilheiro desapareceu durante menos de vinte minutos! Mas agora que os piratas tinham raptado Jip, ela achou que isto pedia mesmo guerra.

Sentados por baixo daquele aparato algo assustador, o pequeno grupo tinha à frente um velho mapa da Ilha Barba Cinzenta, e o Artilheiro e Nick estavam a estudá-lo a cada centímetro.

Kate tentou ficar atenta, mas estar ali sentada a olhar para mapas velhos com uma série de espadas penduradas sobre a cabeça não era

a sua ideia de diversão. A guerra, tal como a espionagem, não era tão divertida quanto parecia.

Ela estava a matar o tempo daquela manhã aborrecida a observar o gato Horatio, o seu animal preferido. O gato do Artilheiro era um predador astuto, com um apetite insaciável por qualquer criatura mais pequena do que ele, que voasse ou nadasse. Sentado na pequena janela aberta mesmo em frente a ela, o gato observava um pisco-de-peito-ruivo pousado entre as nuvens levemente ondulantes de flores brancas de uma macieira.

Era um salto enorme da janela para a árvore e para o pisco-de-peito-ruivo, mas Kate não tinha dúvidas de que o Horatio iria arriscar e saltar. Era apenas uma questão de tempo.

A manhã já tinha sido agitada, com a mãe em lágrimas depois de ler e reler uma carta terrível que o pai recebera. Depois os pais a fazerem as malas para irem para Londres visitar o tio e depois o Nicky a contar-lhe que o Billy Sangue roubara o Jip porque queria aquele velho baú que eles tinham encontrado, talvez.

E agora, ela e o Nicky estavam com o Artilheiro ali na estalagem! Ela tinha o quartinho dela, o Quarto Azul, e seria tão emocionante dormir noutra sítio que não a própria cama, pensou ela. Já sentia saudades da mãe, mas agora com toda esta conversa de “saídas de emergência” e “medidas de defesa” e “declarações de guerra”, ela só se sentia mesmo era entediada. Tirou do bolso do avental uma bola e pedrinhas² e praticou o seu “triplo” no chão da Sala de Armas.

Nick estava a descrever o baú e a explicar a sua localização ao Artilheiro.

— É o baú de que o Billy Sangue anda à procura — dizia Nick. — Lembra-se daquele olhar estranho que fez quando a Katie falou sobre o baú ontem à noite junto à lareira? Ele sabia da sua existência. Mas como, Artilheiro? E como é que ele conseguiu roubar o meu cão de debaixo da minha cama, com apenas um lance de escadas até ao meu

² Jogo infantil em que se atira uma bola no chão com uma ou mais pedrinhas na mão e tenta-se apanhar a bola sem deixar cair as pedrinhas. Neste caso, Kate brincava com três pedrinhas na mão. (N. da T.)

quarto e com a minha mãe a arranjar rosas no lava-loiça a menos de três metros. Onde é que será que ele meteu o coitado do Jip, Artilheiro? Toda a gente nesta ilha sabe que o Jip é o meu cão. — E quebrou, as lágrimas a ameaçarem cair novamente pela segunda ou terceira vez essa manhã. *Não choras mais*, disse ele para com os seus botões. Nunca mais! Não importa a razão!

— Ele é um tipo estranho, esse Sangue, Menino Nick. Um tipo muito estranho — disse o Artilheiro, passando os dedos pela farta barba branca e olhando para o mapa através dos pequenos óculos dourados.

Quando o Artilheiro se encontrava num ambiente confortável e acolhedor, como aquele em que estava sentado por baixo de todo aquele aço afiado, tinha tendência a dizer frases completas ao invés de proferir pequenas palavras soltas que deixava sair quando os nervos estavam em franja.

— Penso que esse pirata maldito se vai dar mal antes de esta história acabar — disse o Artilheiro, polindo a coroa de nogueira de um bacamarte premiado ao qual chamava de “Velho Trovão”. Nick concordou, acenando a cabeça em silêncio. Mais cedo ou mais tarde acabariam por entrar em guerra com o Billy Sangue e ele sentia-se muito grato por ter o Artilheiro do seu lado.

— O baú está dentro de uma caverna aqui na Angra Arenosa — disse Nick, marcando o local no mapa com uma grande cruz preta, como tinha visto nos mapas de piratas dos seus livros. Que estranho usar a cruz dos piratas, pensou Nick, para indicar o que poderia mesmo ser um baú com um tesouro de piratas, como algo saído de uma verdadeira história de aventuras.

— A primeira coisa que temos de fazer é mudar o baú para um sítio onde o inimigo não procure. Um sítio onde possamos abrir o cadeado e descobrir por que razão aquela velha caixa faz fervilhar o sangue do Sr. Sangue.

— O sangue do Sangue? — disse o Artilheiro, segurando as mãos em concha à volta do ouvido bom. — Fervilhar?

— Precisamente — disse Nick. — E depois temos de descobrir uma maneira de recuperar o Jip são e salvo sem entregar o baú. Deve

haver algo muito valioso lá dentro. Ouro, penso... moedas de ouro espanholas ou francesas, talvez, ou dólares espanhóis. É pesado o suficiente.

— Trazer o baú para cá, Menino Nick? — perguntou o Artilheiro apontando para a estalagem no mapa. — Ficaria bem protegido aqui na Sala de Armas. Ah!

— Seria possível... — disse Nick enquanto coçava o queixo. — Mas seria muito pesado para transportar pela ribanceira, não seria? E eu não quero perder muito tempo a arrastá-lo em campo aberto com o pássaro maldito a sobrevoar a área e a espiar-nos.

— Porque é que não vais lá buscá-lo com a corveta, Nicky? — perguntou Katie baixinho, olhando por cima do ombro.

Estava meio a ouvir a conversa deles e era óbvio para ela o que deveriam fazer.

— Fazer o quê? — perguntou Nick, franzindo as sobrancelhas. — Corveta? — Mas soube instantaneamente que a irmã acertara em cheio. — Sabes, não é má ideia, Katie! — exclamou entusiasmado. — Podíamos usar o *Calca-Mares* para ir buscar o baú! Artilheiro, por acaso não tem um compasso à mão?

Nick pegou no compasso do navegador e colocou um ponto na cruz preta que marcava o tesouro, esticando o instrumento para desenhar um arco à volta do centro.

— Com base no que o Sangue ouviu ontem à noite, quando a Kate contou que tínhamos encontrado o baú perto do mar junto da Pedra Tumular, esta será provavelmente a área aonde o Sangue e o Olho de Cobra irão à procura do baú, percorrendo a costa daqui até aqui. Precisamos de encontrar uma maneira de retirar o baú para fora deste círculo, e depressa, sem esbarrarmos contra aquele velho pirata, e escondê-lo num sítio onde ele não lhe possa chegar. Vejam! A Kate tem razão! Podemos ir com o barco pela areia dez metros da boca da caverna e depois...

O Artilheiro esboçou um grande sorriso. — Está a pensar numa operação naval, Menino Nick? Chegar lá e roubar o baú do tesouro *do mar*? Mas lembre-se, rapaz, nunca irá conseguir guiar, em segurança, o barco por esta angra. Nunca na vida!

— Porquê?

— Use os olhos, rapaz! — exclamou o Artilheiro, apontando para o mapa. — Sabe tão bem quanto eu o que estas linhas retorcidas à volta da angra significam. São os Dentes do Diabo que irão arrancar o fundo ao barco, disso tenho a certeza!

Nick olhou para o Artilheiro de sorriso aberto. — Os seus marinheiros comuns podem não ter coragem para tal, Sr. Artilheiro, mas o Nick McIver consegue levá-lo ao interior daquela angra em segurança! E não se preocupe com o fundo do *Calca-Mares* à entrada. Eu conheço cada centímetro quadrado destes recifes!

— Não é com o fundo do seu barco que eu estou preocupado, rapaz. Mas, roubar algo ao mar exige mérito e habilidade.

— Exatamente o que eu penso, Sr. Artilheiro. Exatamente! — exclamou Nick, e debruçou-se sobre Kate para lhe dar um grande beijo na bochecha, que ela limpou, fazendo uma careta quando ele não estava a olhar.

Entusiasmado, Nick percorreu o mapa com o dedo. — Saímos no *Calca-Mares*, entramos com cuidado nos Sete Diabos, aparecemos sorrateiramente na angra aqui e coloco o barco à beira-mar. Depois é só sair, ir à costa, e trazer rapidamente o baú da caverna para dentro do *Calca-Mares*! Mesmo por baixo do nariz do velho pirata!

— E depois como fazemos, Menino Nick? Com o estivar, quero eu dizer.

— Deixe-me dar uma vista de olhos na tabela das marés, Artilheiro.

Nick comparou as marés altas e baixas com o cronómetro naval pendurado no canto do mapa. — Se arrancarmos na próxima meia hora, e formos rapidamente para sul em direção à angra, seremos bem capazes de roubar o baú e escaparmos à maré baixa, antes que esta não nos deixe passar pelos Diabos.

Nick pegou novamente no compasso e balançou o ponteiro prateado ao longo da costa.

— A partir daqui, dirigindo-nos para sudoeste, o porto de abrigo mais próximo seria exatamente... aqui!

O ponteiro prateado moveu-se para sul e para oeste e picou o mapa na ponta mais a sul da Ilha Barba Cinzenta. Ali, encontrava-se

uma laguna cavernosa aninhada na base de um promontório montanhoso e escarpado, projetado com audácia no mar. Nick sabia que ao largo deste preciso local havia, nos últimos tempos, muita atividade submarina.

E, no cimo desse promontório, encontrava-se uma das mais famosas e formidáveis construções de pedra da Barba Cinzenta ou de qualquer outra ilha naquela parte do mundo. Uma obra-prima escura, gótica, de torres de pedra altaneiras, quinas e ameias onde há muito uma bandeira passara.

O Castelo Hawke.

O Artilheiro inclinou-se e, com os óculos de armação dourada a escorregar pelo nariz, espreitou para o local para onde a ponta do compasso apontava. Respirou profundamente.

— Mas não podemos ancorar ali, nunca na vida!

— Essa laguna tem uns bons 25 metros de profundidade, Artilheiro — retorquiu Nick. — O *Calca-Mares* só tira quatro.

— Mesmo assim, mesmo assim. Isto é o Castelo Hawke, Menino Nick. Essa laguna pertence ao Castelo Hawke! Ao Lorde Hawke em pessoa! Não tem medo?

— Porque haveria eu de ter medo, Artilheiro? — perguntou Nick, sorrindo. — Não me diga que acredita nas suas próprias lendas sobre o castelo ser assombrado...

— Nunca ninguém entrou na laguna, nem sequer puseram os pés naquele pedaço de terra desde que os dois filhos do Lorde Hawke, os pequenos Alexander e Annabel, foram misteriosamente raptados há quase cinco anos. O Lorde Hawke disse que mataria qualquer homem que se atrevesse a entrar no seu castelo. Disse que ele próprio o mataria. Disse, disse. E reza a lenda que não existe nenhum homem em Inglaterra que tenha mais arte com a pistola ou espada do que o próprio Lorde Hawke, ele ou o fantasma dele!

— Artilheiro! Sabes tão bem quanto eu que toda esta conversa sobre o Castelo Hawke não passa de boatos sem nexos, de taberna, atiçados por canecas de aguardente e rum.

— Parte, talvez — concordou o Artilheiro.

O Artilheiro olhou para Nick e sorriu acanhadamente. Sabia que era a principal pessoa responsável por todos os boatos relativos ao

castelo. Quando se tratava de criar lendas e enfeitar a rica lenda de Hawke, o Artilheiro não tinha igual na ilha. E, para ser honesto, já não se lembrava do que era verdade e do que inventara depois de uma ou duas canecas.

Durante anos, Nick ouvira histórias sobre a Ilha Barba Cinzenta sobre raptos no Castelo Hawke e acontecimentos maléficos. A maioria tinha começado, pensava Nick, com o Artilheiro a entreter os seus clientes à volta da lareira na Estalagem Barba Cinzenta. Numa pequena ilha, pensava Nick, os boatos espalhavam-se como veneno e eram, igualmente, desagradáveis.

A estranha lenda do Lorde Hawke e do Castelo Hawke era bem conhecida naquela ilha minúscula. Embora ninguém falasse já muito sobre o grande castelo ou sobre o seu excêntrico dono, as histórias abundavam sobre a razão porque Hawke teria entrado em isolamento voluntário. O desaparecimento trágico dos seus dois filhos pequenos era, de longe, a teoria mais aceite pela ilha. Ninguém tinha qualquer prova, nem sequer tinha havido investigação policial, nem sequer uma palavra na *Gazeta Insular*.

Hawke fora um brilhante cientista e detetive de renome mundial. Antes de desaparecer, deslindara, sozinho, dois ou três dos casos de homicídio mais difíceis da Scotland Yard, depois de os seus famosos inspetores terem chegado a um beco sem saída.

Uma das teorias defendia que uma famosa mente criminosa assassinara Hawke por vingança. Estava escondido do seu antigo gangue e dos polícias neste castelo altamente fortificado. Asneiras e tolices, pensou Nick... não acreditava em nada.

Hawke era simplesmente um Sherlock Holmes moderno, que se fartara do mundo do crime, regressara ao seu castelo e levantara a ponte levadiça. Uma ponte levadiça que o jovem Nick nunca se atreveu a atravessar, e sobre a qual sempre sentiu curiosidade.

— Artilheiro, pense desta forma. Você é o Lorde Hawke, um cientista brilhante e um detetive ainda mais brilhante. Fechou-se nesse castelo velho e cheio de mofo durante todos estes anos. Um dia, aparece-lhe um miúdo à porta com um misterioso baú do mar. Um miúdo que está a ser perseguido por todos os lados por piratas malvados. Dispararia contra o miúdo? Não, senhor! Não dispararia!

Ficaria era feliz por desenferrujar os seus dotes de detetive e voltar à carga! Oh! Até ficava em pulgas para ajudar a resolver o mistério daquele baú!

— Em pulgas ou não, eu poderia também ficar em pulgas para disparar — disse o Artilheiro, pensando no assunto. — Claro, o desgraçado do Davies disse que Sua Senhoria se atirou do cimo daquela torre e partiu os ossos nas rochas em baixo. Como tinha o coração partido depois de a esposa ter falecido, consumida pela dor, e os dois filhos pequeninos lhe terem sido arrancados das mãos naquela noite terrível há cinco longos anos. O Davies diz que só o fantasma dele lá vive agora.

O Artilheiro recostou-se e olhou bem para o amigo. Nick recusou-se a responder.

— Claro, tudo isto pode ser, como diz, nada mais do que balelas de tasca, Nick.

— Claro que é, Artilheiro! Claro que é! Piratas talvez. Mas fantasmas? Nunca!

O Artilheiro olhou para as duas crianças com um sorriso perante esta nova possibilidade de aventura. — Bem, fantasmas ou não, agrada-me a ideia de uma manobra naval! E teremos aqui o Velho Trovão, não é? No caso de os piratas se atravessarem no nosso caminho!

Nick levantou-se com um ar de entusiasmada agitação na cara.

— Então fica assim! Vamos para a Laguna Hawke, Artilheiro — disse ele enrolando o grande mapa. — É a única maneira de conseguirmos manter aquele baú longe das mãos do Billy tempo suficiente para descobrir o que está lá dentro! Com ou sem a ajuda do Lorde Hawke ou do seu fantasma! Todos os que estão a favor digam “Sim!”

— Sim — disse o Artilheiro, com os olhos a brilhar.

— Sim — disse Kate só por dizer, já que tinha prestado pouca atenção toda a manhã. A sua atenção agora centrava-se no gato Horatio.

Nick olhou para o Artilheiro com forte determinação nos olhos. — Vamos embora rapazes! Primeiro o baú e depois vamos resgatar o meu pobre cão das mãos daquele amaldiçoado flibusteiro, por volta das seis horas!

Nick olhou pela janela. Havia só um grande gato branco entre as flores da macieira onde o pisco-de-peito-ruivo gordo tinha estado a cantar.

— Quem não arrisca, não petisca, Kate — disse Nick.

— É verdade, Nick — disse o Artilheiro, passando o seu grande e brilhante bacamarte sobre o ombro largo. — Com um pouco de sorte, é bem verdade.

IX
Capítulo

O MONSTRO MARINHO



• 6 DE JUNHO DE 1939 •
NA ANGRA ARENOSA

Prepare-se para arrancarmos, Artilheiro! — disse Nick, com um grande sorriso enquanto o Artilheiro emergia da caverna para a luz nublada do dia.

Nick ficou feliz por ver que trazia consigo o brilhante baú. — E vamos de vento em popa para a Laguna Hawke, a sul pelo sudoeste! — O Artilheiro demorara apenas uns minutos para ir buscar o baú à gruta, enquanto Nick ficou de guarda, com o bacamarte, à entrada da caverna, a ver se avistava piratas ou papagaios, ou ambos. Por sorte, não viu nem uns nem outros enquanto o Artilheiro estava dentro da caverna, embora tivesse tido gosto em ter dado um tiro no papagaio se o tivesse visto.

Com o baú misterioso agora a salvo no barco, o *Calca-Mares* fez-se ao mar mais uma vez, percorrendo os Diabos, e deixando para trás a Pedra Tumular, cada vez mais pequena. Dirigiam-se para sudoeste e depois mais para leste, ao longo da costa escarpada que percorria a margem da Ilha Barba Cinzenta, em direção à Laguna Hawke. Mal passava das duas horas e o pequeno barco estava bem inclinado, cortando pela água azul como uma longa faca branca.

Kate ia alegremente sentada na cabina à conversa com a boneca ruiva Rosie e o gato Horatio aninhado no seu colo, fazendo compa-

nhia ao irmão junto ao leme. — O que estarás a aprontar agora, gato tonto? — indagou-se Kate quando o Horatio saltou repentinamente do seu colo para o teto da cabina do *Calca-Mares*, saltando, por sua vez, daí para o portaló.

A vela branca cor de neve do *Calca-Mares* foi alada até estibordo do barco para aproveitar o vento que soprava de popa. A vela que foi esticada pela base ao longo do portaló lindamente envernizado formava uma confortável bolsa enquanto corriam em frente ao vento e o Horatio costumava andar pelo portaló e aninhar-se na bolsa macia formada pelo amontoar do pano da vela, e dormir.

Isso era precisamente o que Kate pensava que o gato estava a aprontar até agora, até que notou que a tola de uma gaivota estava pousada, onde as ondas passavam, mesmo na extremidade do portaló, colocando assim em risco a própria vida, dado o gosto do gato por gaivotas e piscos-de-peito-ruivo.

Kate assistiu, estupefacta, ao pequeno drama que se desenrolava em câmara lenta.

A ave, vaidosa, espreitou para o mar cintilante na extremidade do portaló, a apanhar a brisa e sem dar conta que o gato se aproximava.

O gato perigoso, rastejando lentamente pelo portaló, baixo e mortífero, quase sem se mexer, um centímetro por minuto.

Falta cerca de um metro, e a ave lá continuava, incrivelmente corajosa... ou incrivelmente parva.

E o Horatio atirou-se à velocidade da luz. A ave viu-o, sentiu-o a vir em direção a ela e levantou voo com imensa rapidez, fazendo com que o Horatio encontrasse finalmente um concorrente à altura; as suas patas apanharam apenas o ar e, dessa vez, não saltou para um ramo fiável de uma macieira com relva verde e macia a esperá-lo lá em baixo, mas para o portaló instável de um barco em movimento sobre o frio mar azul. Num instante o gato aterrou, obviamente sobre as patas, mas apenas por um instante antes de desaparecer por debaixo das ondas.

— Gato ao mar! — gritou Katie, tal como Nick lhe havia ensinado, saltando para a borda do barco, enquanto apontava para o sítio

onde o Horatio caíra, vendo a pequena área de espuma à medida que ficava para trás. A gaivota sobrevoava o local, a grasnar de vitória. Nick lançou uma boia para marcar o local.

— Pega no leme, Kate! — gritou Nick, atirando a cana do leme para as mãos da irmã. — Artilheiro, chegue aqui imediatamente e baixe as velas, rápido, a bujarrona e o jibe, estas duas adriças aqui, sim? Por favor, não me perca de vista! Espere com a corda na mão! — Felizmente a tripulação ensaiara esta manobra de homem ao mar dezenas de vezes. Porque não haveria de funcionar com gatos?

Mas Katie nunca vira Nick mover-se tão rapidamente. Num piscar de olhos ele estava na popa, em calções, com os olhos no local onde se encontrava a boia, e depois uma visão turva dele a mergulhar na água para dentro de uma onda azul, límpida como vidro azul, quase não salpicando ao entrar na água.

Que belo mergulho, pensou Kate.

Ar, depois água.

Estava chocantemente fria e Nick achou que o coração iria parar ou explodir do peito à medida que mergulhava mais fundo e abria os olhos, meio na esperança de encontrar o gato mesmo à sua frente. Ficou surpreendido como a água era clara a tantos metros de profundidade. Conseguia ver o Sol, uma bola amarela disforme pendurada por cima dele. E por baixo, um azul-claro que ficava cada vez mais escuro. Nick sabia que o Sol penetrava até à profundidade de 15 metros e conseguia ver onde o Sol deixava de alcançar.

Mas nada de Horatio.

Deu uma volta de 360 graus, olhando para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, até achar que os pulmões iriam explodir.

E ainda nada de Horatio.

O instinto disse-lhe que tinha apenas alguns segundos para procurar, depois vir à tona e apanhar ar. Se não encontrasse o Horatio no próximo mergulho, teriam um funeral de gato no dia seguinte. E também um funeral de cão? Restavam-lhe poucas horas para o seu encontro com Billy Sangue, e começou a questionar-se se Sangue não teria feito mal ao Jip só por despeito.

Tirou a ideia da cabeça enquanto subia à tona.

Ar. E luz do Sol brilhante. E do gato, nada! Apenas via o estreito gurupés de mogno e o mastro do seu barco a balançar ao longe. Era incrível a distância que percorrera em tão pouco tempo. Mas agora a Kate conseguira colocá-lo em direção ao vento e mantê-lo imóvel. Boa, Katie! Consequira dominá-lo, a pequenina marinheira!

Novamente o frio gelado e ele mergulhou ao fundo, com os olhos abertos. Era agora. Esta era a última vez, Horatio, pronto ou não...

Ali! Para baixo à esquerda! Uma pequena sombra, talvez a uns três ou quatro metros abaixo dele. Ele não tinha ar suficiente para descer tanto. Era demasiado fundo. Mas ele desceu de qualquer modo, em direção à sombra e a dar aos pés com força. Tinha o coração em fogo. E os pulmões.

Mais um metro. Era o Horatio. Esticou-se e tentou agarrar o gato, sentindo o cérebro começar a nadar dentro da cabeça. Sentiu-se a perder os sentidos. Laivos de escuridão a aproximar-se do círculo azul molhado da sua visão. Depois, já com o gato moribundo nas mãos e no regresso à superfície, viu outra sombra, uma sombra muito, muito maior.

Estava a mover-se.

Uma baleia? Talvez... talvez muito grande para ser uma baleia. Era enorme, negro e ameaçador. O que seria?

Ele emergiu subitamente à superfície e sentiu o fogo nos pulmões enquanto inspirava avidamente o doce ar. Segurava o Horatio bem alto, sem fazer ideia se o gato estava vivo ou morto, e gritou na direção do *Calca-Mares*.

Sentia-se tonto, ofegante e ainda deslumbrado pela visão da sombra negra gigante que se deslocava lá em baixo, sob os seus pés descalços.

Ficou lá um tempo infinito, no frio gelado, à espera. E, ao longe, viu uma vela levantada e o *Calca-Mares*, gradualmente, a aproximar-se e a crescer, e depois viu o Artilheiro a atirar, com mestria, a corda com um laço na ponta, a meio metro de distância. Agarrou a corda e ouviu o “Urra!” da irmã como se fosse um sonho. E ali estava ele, junto ao barco, a entregar o débil Horatio ao Artilheiro, que estava inclinado a estibordo.

— Muito bem! Muito bem, Menino Nicholas! — gritou o Artilheiro, que se debruçou e lhe afagou a cabeça. — O melhor resgate de gato ao mar que alguma vez vi, pequena Kate! — Kate esboçou um grande sorriso e, com ternura, tirou o Horatio dos braços do Artilheiro, embalando-o nos seus e sussurrando-lhe.

— Preciso de mais corda, Artilheiro! — arfou Nick, atando a corda na água à volta da cintura com um nó molina. — Mais quinze metros, por favor!

— Deus do Céu, Nick! Para quê? — perguntou o Artilheiro. — Se continuar muito mais tempo nessa água, o seu sangue congelará! Tome, agarre com força e eu iço-o. Meta o pé na argola!

— Agora não posso — disse Nick entre inspirações. — Tenho de voltar a descer. — Concentrou-se na respiração.

— Outra vez para baixo? Estou-lhe muito grato por ter salvo o tareco, Menino Nick, mas agora tem de voltar para o barco para rumarmos para o Castelo Hawke. É esse o plano, rapaz, lembra-se? — O Artilheiro começou a puxar a corda, preocupado com o estado mental do rapaz. — Estamos a ficar sem tempo e os piratas devem andar por aí, lembra-se? Vá, volte lá a subir.

— Agora não posso, Artilheiro. Tenho de voltar lá abaixo para ver melhor. Há alguma coisa lá em baixo. Alguma coisa grande.

— Lá em baixo? O quê? O que é que há lá em baixo?

— Não sei, Artilheiro. Algo grande. Talvez um cachalote ou uma baleia azul. Talvez outra coisa qualquer, mas grande. A maior coisa que alguma vez vi! Um monstro do mar!

Nick respirou fundo e voltou a mergulhar no mar azul. E Kate viu-o desaparecer novamente.

— O que está o Nick a fazer? — perguntou Kate, embalando nos braços o Horatio, que recuperava lentamente os sentidos. — Porque é que ele voltou lá abaixo?

— O seu irmão viu algo lá em baixo, menina, e parece que é algo que merece a sua total atenção — respondeu o Artilheiro, a espreitar por cima da borda no barco e a ver a sombra de Nick a descer.

— São piratas? — perguntou Kate, nervosa.

— Deve ser um peixe grande, pela direção para onde ele vai, menina — disse o Artilheiro, fazendo-lhe festas nos caracóis ruivos e

depois esfregando a cabeça encharcada do Horatio com a sua própria grande pata.

Nick desceu até à profundidade onde encontrara o Horatio. Os olhos fecharam-se com o arder da água salgada até o último instante. Quando finalmente os abriu, sentiu o coração saltar no peito.

Aquilo tinha subido.

A longa sombra negra era agora enorme, e tinha-se aproximado mais da superfície. Nick fechou os olhos e com algumas poderosas braçadas, desceu até cerca de seis metros da visão negra ameaçadora.

Era um monstro do mar de alguma espécie.

Era um leviatã.

Nick nadou ao longo do seu comprimento negro. Ele sabia agora o que era, claro. Conseguia reconhecer aquele perfil negro de olhos fechados. Ele sabia que havia muitos destes monstros a percorrer os mares da sua terra, mas mal conseguia aceitar o facto de estar a ver um a nadar mesmo por baixo dos aconchegantes conveses de teca do seu minúsculo barco. Mesmo por baixo dos minúsculos pés descalços da sua irmã mais nova e do seu velho amigo Artilheiro.

A coisa era enorme. Era, pelo menos, três vezes mais comprida do que qualquer submarino que Nick alguma vez vira, quer inglês, quer alemão, e provavelmente com o dobro da largura! Embora a estrutura negra estivesse sem brilho e mortíça, Nick conseguia ouvir o leve ranger de metal e os pequenos sons sibilantes vindos algures do interior do monstruoso casco escuro. Havia também jatos lindos de pequenas bolhas a subir, saídas de vários pontos à extensão larga de aço negro.

Nick obrigou-se a ficar lá em baixo até ter confirmado com os próprios olhos o que a sua cabeça sabia ser verdade. Tinha os pulmões a arder, mas obrigou-se a ignorá-los e continuou a nadar ao lado do monstro, a absorver tudo.

Um segundo mais tarde, encontrou o que andava à procura.

Uma suástica alemã, adornada em vermelho-sangue no flanco negro e largo do animal.

E depois, na enorme torre de comando que se erguia acima do corpo negro mortal, viu a legenda *submarino*.

Contacto, pensou Nick McIver. *Entrei em contacto com o inimigo!*

Um submarino nazi gigantesco, que andava por baixo do seu minúsculo barco *Calca-Mares*! Este seria o submarino experimental Classe Alfa? Sim, pensou ele, só podia ser!

Nick continuou dentro de água, obrigando-se a ficar lá em baixo mais um minuto para observar.

Estava parado no mar, a cerca de seis metros de profundidade, com correntes de bolhas a subir do seu casco como se fossem fontes subterrâneas. O seu grande convés plano estava imerso em manchas de luz do Sol e a torre de vigia maciça estava bem acima do convés a meia-nau. Nick viu asas de mergulho gigantes na proa e na popa e, por baixo, tubos de torpedos. Na proa estava a grande arma do convés, um canhão de fogo rápido de doze centímetros que Nick sabia que seria usado contra ataques aéreos ou inimigos à superfície. Era a visão mais impressionante que Nick alguma vez vira na sua jovem vida. Ele estremeceu perante o seu poder e majestade.

Nick tentou examinar o que estava a sentir e, certamente, estava excitado por ver um navio tão impressionante e potencialmente inimigo a tão curta distância. Mas também havia outra coisa, algo que ele apenas conseguia adivinhar.

Seria isto o início de algo demasiado terrível de imaginar? Ou seria o início de uma adolescência muito mais excitante do que ele alguma vez teria sonhado na sua pequena ilha pacífica?

Subiu à tona, com os pulmões a arder, sem fôlego e com a cabeça a mil.

Uma coisa era certa, pensava ele, chegando finalmente à superfície soalheira. Iria ser um verão e tanto!

Piratas na superfície da água e os nazis lá em baixo.

X
Capítulo

A VIAGEM DE TRENÓ DE NANTUCKET



• 6 DE JUNHO DE 1939 •
AO LARGO DA COSTA SUDOESTE

Nick sentou-se na proa do *Calca-Mares* ao lado do Artilheiro, balançando os seus pés na água cristalina. Nem sequer havia qualquer brisa que movesse o seu barco.

— Vamos ficar aqui sentados a mexer os pés enquanto aquele grande submarino escapa e nós deixamos passar o prazo que o Billy Sangue nos deu — disse Nick com tristeza, enquanto olhava para o Sol a diminuir no horizonte. — Provavelmente nunca mais irei ver o velho Jip, Artilheiro. O melhor cão que um rapaz podia ter.

— Ainda nos restam algumas horas, Menino Nick, vamos conseguir. E mais, nem sequer poderíamos perseguir aquele submarino mesmo que quiséssemos, não acha? E qual é a razão para esse velho pirata fazer mal ao seu rafeiro? E outra, sabe tão bem como eu da existência daquela brisa ocidental que sopra sempre ao fim da tarde.

— Essa brisa ocidental só fica suficientemente forte mesmo antes de o Sol se pôr, Artilheiro, sabe disso — disse Nick, enquanto pontapeava a água límpida em frustração.

— Então vou assobiar para que venha mais cedo — disse o Artilheiro, e começou a assobiar a sua cantiga de marinheiro preferida. Os dois amigos sentaram-se lado a lado, um em cada lado da proa, mexendo os seus pés na água, enquanto o Sol quente se afundava

cada vez mais no céu ocidental. E nem uma leve brisa que ondulasse a superfície apesar das tentativas do Artilheiro de assobiar para o vento.

De repente, o Artilheiro agarrou o braço de Nick com a sua mão enorme e apertou-o com força. — Não olhe agora, Menino Nick, mas os seus novos amigos nazis surgiram da água salgada para nos inspecionarem pessoalmente. — O Artilheiro mexeu a cabeça em silêncio para a sua direita e Nick seguiu-o.

O periscópio do submarino, e a água ainda a escorrer do seu topo preto!

Brilhando ao sol, emergiu da água nem a três metros de onde Nick e o Artilheiro se encontravam sentados na proa do veleiro. O Artilheiro olhava boquiaberto para a proximidade a que o submarino estava. Vejam bem, bastava disparar e afundar o veleiro!

— Sem dúvida alemão — foi só o que o Artilheiro disse, cuspiendo depois para a água, quase acertando no periscópio.

— Acha que nos pode ver agora? — perguntou Nick, ainda baixinho. O periscópio já estava virado praticamente todo para longe deles, mas Nick ainda conseguia ver um pouco da lente.

O Artilheiro ajustou os seus óculos dourados e olhou atentamente para o topo do periscópio imóvel. — Não creio. Acho que estamos mesmo fora do seu campo de visão periférica. Contudo, cinco graus na direção do porto e tinha-nos visto de certeza. Isso tinha de certeza dado ao jovem *Herr Kapitän* uma vantagem, certo? — O Artilheiro riu-se baixinho. — Um velho homem da Marinha com um gato meio afogado e um rapaz sentado mesmo em cima da sua cabeça!

— O que será que ele está ali a fazer, o que acha?

— De certeza que a espiar! — disse o Artilheiro.

— Ele está a olhar para a nossa costa — suspirou Nick. — E está incrivelmente perto. Tão perto quanto lhe é permitido, isto se viu os Sete Diabos no mapa.

— Bem, caso se aproxime mais, ainda se vai transformar na atração turística número um da ilha — disse o Artilheiro, fazendo com que Nick soltasse uma gargalhada.

— Certo, e agora que entrou, como é que vai sair daqui? — perguntou Nick, à medida que uma ideia doida passava pela sua cabeça.

— Bem, partindo do princípio que consegue virar a proa aqui, terá de navegar devagar para sudeste, dentro daqueles bancos de areia ali, na direção do Ponto Hawke. E depois uma viragem difícil a sudeste para o mar aberto.

— Exatamente o que eu estava a pensar, Artilheiro, exatamente o que eu estava a pensar.

E naquele momento o periscópio começou a mover-se pela água.

Estava a mover-se lentamente, praticamente sem causar qualquer ondulação, distanciando-se do *Calca-Mares* e movendo-se para sudeste, precisamente na direção que o Artilheiro previra. Para o objetivo de Nick, como ele tinha calculado, era exatamente a direção correta.

— Passe-me esse laço, por favor, Sr. Artilheiro — disse Nick. — Devagar se vai ao longe, mas rápido, muito obrigado. Muito obrigado.

Nick agarrou na corda que o Artilheiro lhe passara e, com destreza, atou um nó correção numa ponta e atou a outra ponta ao gancho de bronze presente na proa. Em seguida, enrolou a corda, mantendo-se na proa, girou o arco por duas vezes em torno da sua cabeça para sentir a corda, e atirou-o.

— Um nó correção, Sr. Artilheiro, só por precaução.

— Precaução contra quê? — perguntou o Artilheiro, mas ele descobriu rapidamente que o rapaz tivera mais uma das suas ideias originais.

O arco atirado na perfeição por Nick voou alto e diretamente para o periscópio, atingindo-o em cheio. A corda até ao periscópio ficou rapidamente esticada, estalando alto no local onde estava presa na proa e fazendo com que o *Calca-Mares* avançasse pela água. Em breve o veleiro estava a navegar a uma velocidade de cinco nós, mesmo atrás do periscópio alemão, e com eles a dirigirem-se para su-sudeste na direção do Ponto Hawke, o seu destino original!

— Hurra! — gritou o Artilheiro, um enorme sorriso na sua cara alegre. — Uma boleia grátis, por conta do *Herr Hitler*!

Ele estava a rejubilar de alegria pelo engenho do seu jovem amigo e era sem dúvida glorioso estar a navegar sobre a água cristalina e sob um brilhante céu azul, tudo devido ao ignorante submarino alemão mesmo à sua frente, que se movia através da água à profundidade do periscópio!

Há alguns vinte anos, a vida do Artilheiro era afundar estes submarinos e agora retirava um prazer especial da artimanha de Nick.

— Estou capaz de dar três vivas pelo Adolfo agora, mas ele é um cão tão manhoso! — Nick gritou pendurando-se sobre a proa na corda do mastro. — Então vou dar uma viva pelo meu velho cão! Hurra, Jipper, estejas onde estiveres, estamos a caminho!

— E uma para nós mesmos! — gritou o Artilheiro, juntando-se a Nick e inclinando-se sobre o púlpito. — Não há melhores... e há muitos piores!

— Hurra! — gritou Nick, quando subitamente o convés lhe foi tirado debaixo dos pés e sentiu-se a ser empurrado para trás através do ar a uma velocidade espantosa.

Teve cerca de um segundo para pensar no sucedido até bater em algo sólido com a nuca e todas as luzes se apagarem, até a luz de presença.

Estava dentro de um túnel fundo e escuro, deitado no fundo, e acima conseguia ouvir a voz do Artilheiro chamando por ele. Mas o túnel devia ser bastante fundo pois o som parecia vir de muito longe.

— Nick... Nick, está bem? Acorde, Menino Nick! Consegue ouvir-me?

A imagem do Artilheiro ia aparecendo mais focada alguns centímetros sobre a sua cara. Ocorreu-lhe que ele estaria caído no chão na coberta de proa do seu veleiro e a sua cabeça doía-lhe bastante. O Artilheiro estava a fazer-lhe imensas perguntas sobre qualquer coisa. Era tudo muito confuso. A sua irmã! Onde estava a sua irmã? Será que o Sangue a tinha?

— Katie! — gritou Nick. — Ela está bem?

— Ela está ótima, Menino Nick. Ela e a sua boneca estão de volta à cabina, confortáveis com uma boa corda de salvamento em torno da cintura e com certeza a aproveitarem a viagem de trenó. É consigo

que estou preocupado, rapaz. O mastro no qual bateu é feito de abeto sólido, uma madeira dura e que não perdoa. Deixe-me ver a sua cabeça, rapaz.

O Artilheiro levantou ligeiramente a cabeça de Nick e sentiu o galo que começava a crescer, já quase tão grande como um ovo, mas sem sangue. O rapaz iria ficar bem dentro de alguns minutos.

— O que é que aconteceu? — perguntou Nick, esfregando a cabeça e sentando-se no convés. — Jesus! — exclamou ele, ao mesmo tempo que ficava com a cara molhada de salpicos salgados sobre a proa do *Calca-Mares*. — Que se passa, Artilheiro? Uma tempestade súbita?

O seu barco parecia mover-se incrivelmente rápido, esmagando as vagas, mais como um pequeno veleiro feito à mão, o que o levava a interrogar-se se ele estaria ainda a sonhar no fundo do túnel.

O vento e a água eram o que se podia esperar para uma típica ventania, contudo não deixava de ser uma boa tarde de sol.

— O *Herr Kapitän* decidiu acelerar um pouco, agora que já passámos os Diabos! — gritou o Artilheiro por cima do rugir da água.

— Um pouco? Eu diria bastante — gritou Nick, colocando-se em pé. — Não existe nenhum submarino no planeta que consiga ser tão rápido, quanto mais um deste tamanho! E eu nunca o vi vir à superfície! Vamos espreitá-lo!

Atirou-se para o púlpito, onde foi imediatamente engolido por uma parede de água à medida que o barco era puxado pelo rápido submarino através de uma onda que rebentava. Nick agarrou-se à corda do mastro e espreitou através dos salpicos, vendo a proa do *Calca-Mares* mover-se rapidamente por debaixo dos seus pés descalços como um daqueles cavalos bravos que os cowboys nos seus livros montavam.

— Onde está o submarino, Artilheiro, nem consigo vê-lo! — As ondas e os salpicos eram tantos que ele mal conseguia ver três metros à frente do seu próprio barco.

— Não o consegue ver, mas ele tem de estar ali à frente no final do arco, Nick, mesmo onde o deixou — disse o Artilheiro, erguendo-se cuidadosamente ao longo da corda de salvamento. — Sempre a acelerar à profundidade do periscópio, e dando-nos uma viagem de

trenó como se estivéssemos em Nantucket, exatamente como aqueles rastos da caça à baleia de que está sempre a falar. Não é espetacular? Vá, agora passe-me essa faca afiada para eu cortar a corda. É que mais uns minutos disto e aquele submarino transforma este barco em lenha!

— Profundidade do periscópio! Mas está a dizer-me que ele ainda está submerso! — gritou Nick. — Mas isso é impossível! Nenhum submarino pode navegar a esta velocidade à tona da água, quanto mais abaixo dela!

A não ser que fosse um da Classe Alfa, pensou ele. Tinha de ser um da Classe Alfa!

— Em breve também iremos estar debaixo de água se não cortar a corda! Bem, vou mas é utilizar a minha própria faca e...

— Espere! Por favor! Não a corte ainda! — gritou Nick por cima das águas agitadas. O *Calca-Mares* balançou bruscamente e fez com que os pés de Nick escorregassem no convés molhado e sem aderência. Estava de costas a escorregar rapidamente em direção à popa e só no último momento conseguiu agarrar-se a uma escora e salvar-se de cair borda fora.

— O que é que está a fazer? — gritou o Artilheiro, levando uma mão à boca. — Eu tenho medo que ele mergulhe! E mesmo que não o faça, vai arrancar a proa ao navio! Vou cortar a corda!

— Espere, Artilheiro, por favor! — gritou Nick, lutando para avançar, escorregando e deslizando ao longo da querenagem do convés, os seus braços parecendo um cata-vento, tentando desesperadamente agarrar-se a qualquer coisa que conseguisse encontrar. — Primeiro tenho de medir a sua velocidade!

— A sua velocidade! O que é que isso importa?

De repente o convés fugiu-lhe debaixo dos seus pés. Nick foi levado pelo ar por alguns instantes até aparecer a cabina da corvina e o apanhar, fazendo com que ele batesse com o ombro no convés de teca. Levantou a cabeça, cuspidando água salgada e com o seu ombro a doer-lhe bastante. Ao ver o Artilheiro ainda na proa, agarrado com segurança à corda do mastro, começou a procurar energicamente pelos vários itens armazenados na popa do navio, mas não encontrou nada para registar.

O *Calca-Mares* não tinha quaisquer instrumentos modernos, apenas o antigo e desatualizado aparelho para medir a velocidade. Era preciso atirá-lo por cima da corda do mastro e medir a velocidade pela quantidade e rapidez com que era desenrolado. Finalmente, localizou o instrumento no paiol de velas e cambaleou até à popa, saltando para evitar a cana do leme que agora andava descontrolada de um lado para o outro. Ainda pensou atá-la a meia nave para não perder o leme, mas não havia tempo. O Artilheiro receava que o barco se pudesse desfazer ou ser arrastado para o fundo a qualquer momento, mas Nick não tinha medo. Os heróis não tinham de ser mais corajosos do que os rapazes normais, pensou Nick. Às vezes bastava serem corajosos por mais uns minutos.

— Nick, vou cortar a corda agora! — gritou zangado o Artilheiro na direção da popa. — Os parafusos do gancho da proa estão a ceder e daqui a pouco o púlpito é arrancado e...

— Não! — gritou Nick. — Imploro-lhe! — O barco elevou-se novamente violentamente e Nick agarrou-se a uma escora para evitar ser atirado ao mar bravo. Conseguia ouvir e sentir as juntas do *Calca-Mares* a atingirem o seu limite, mas pediu-lhe que aguentasse até que ele fizesse o que tinha de fazer. Devia isso ao seu pai, a ele próprio e talvez ao seu país.

Nelson, o Forte. Nelson, o Bravo. Nelson, o Senhor do Mar.

Foi então que viu a sua pequena irmã pelo canto do olho. Kate tinha-se enrolado toda como se de uma bola se tratasse, aconchegando-se contra a antepara da cabina, e com a sua boneca e o gato Horatio ambos firmemente seguros pelos seus braços. Os seus olhos estavam bem cerrados, aliás, tanto quanto lhe era possível, e ela tremia devido aos salpicos frios ou algo pior.

— Que se passa Katie? — perguntou Nick, mas ele sabia.

— Tenho medo, Nicky — gritou ela com uma voz fininha. — Nunca tive tanto medo.

Nick olhou em desespero para o rápido submarino e depois para a sua irmã pequena durante um longo momento e em seguida para o aparelho na sua mão. Estava bastante desapontado mas furioso con-

sigo próprio por se ter esquecido de como devia ter sido assustadora para Kate aquela viagem violenta. Será que não tinha aprendido nada? O que é que lhe tinha dito a sua mãe? *Espero que sejas sempre inteligente o suficiente para teres medo algumas vezes.* Não era preciso ser-se muito esperto para saber que isto representava um perigo real, não é verdade? Atirou um registo de velocidade para o chão da cabina e ajoelhou-se para beijar a cara em lágrimas da sua irmã.

— Não há mal nenhum em ter medo, Kate. Eu também tenho medo! Vou cortar a corda — disse ele, e em seguida levantou-se, subiu para o topo da cabina e correu para a frente.

— Solte-nos por favor, Sr. Artilheiro! Solte-nos já!

Mas a lâmina do Artilheiro já tinha atravessado a corda firme, que se partiu em seguida com um estalar audível, fazendo com que o *Calca-Mares* abrandasse quase imediatamente e ficasse serenamente a navegar sobre a repentina calma do imenso mar azul. Parecia intacto e ainda capaz de navegar, pelo menos por agora. Nick juntou-se ao Artilheiro na proa e começou a puxar a corda que se tinha partido de volta ao barco, sorrindo envergonhado para o Artilheiro.

— Desculpe — disse Nick, ofegante e incapaz de olhar o Artilheiro nos olhos. — Que viagem, não foi?

— Não que tenha algo a ver com isso — disse o Artilheiro, enrolando o que tinha sobrado da corda. — Mas importa-se de me dizer por que razão, de repente, mudou de ideias? Mais um minuto e o barco desfazia-se!

Nick olhou para o Artilheiro. Nunca vira o seu amigo verdadeiramente chateado, e não era algo que recomendasse aos fracos de espírito.

— Eu-eu queria mesmo ver a velocidade daquele submarino, Artilheiro. Mesmo assim, fui estúpido o suficiente para não o deixar cortar a corda quando você quis, não é verdade? Peço desculpa.

— Eu cortei a corda independentemente da sua vontade, rapaz. Sendo ou não dono do barco, não ia ficar à espera que você o afundasse. — O Artilheiro lançou-lhe um olhar duro, e Nick desviou o seu olhar.

— Lamento — disse Nick. E na realidade lamentava. Ele fora extremamente estúpido, mas estava a aprender, pensou ele. Às vezes

era preciso parar, respirar fundo e ganhar forças para o encontro seguinte.

— Essa palavra não tem qualquer significado — acrescentou o Artilheiro. — Não é verdade, Nick?

— É — concordou o rapaz. — Mas, de verdade, lamento.

— Mas afinal, o que é que tinha de tão importante a velocidade do Sargento *SauerKraut*?

— A guerra, acho eu?

— A guerra, Nick?

— Em breve. O meu pai diz que vai ser exatamente como a sua guerra, Artilheiro. Os submarinos vão cortar-nos o fornecimento e levar-nos à fome! É exatamente sobre aquele submarino que o Sr. Churchill nos tem avisado! Voltaram a construí-los, não vê? Temos de dizer a toda a gente, avisá-los, Artilheiro, sobre estas novas máquinas de guerra alemãs. Eu nunca colocaria ninguém em perigo, e você sabe disso! Mas os nazis estão a colocar-nos a todos em perigo e...

— Vejam! — disse Kate, à medida que uma enorme sombra gigante caía ao longo da corveta à deriva. Ela estava no topo da cabina ainda com a corda de salvamento a prendê-la ao mastro. De braço esticado, apontando o seu dedo para um antigo edifício de pedra que se erguia no penhasco rochoso acima deles. — A casa de um gigante! — disse ela.

O Artilheiro e Nick olharam para cima estupefactos. Mas Kate estava certa. O submarino, sem saber, deixara a pequena embarcação na sombra do seu destino.

O Castelo Hawke!